

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LEONARDO TEIXEIRA DE FREITAS RIBEIRO VILHAGRA

DISCURSOS TESTEMUNHAIS MUDIATIZADOS DA IGREJA
MUNDIAL DO PODER DE DEUS

VITÓRIA - ES

2019

LEONARDO TEIXEIRA DE FREITAS RIBEIRO VILHAGRA

**DISCURSOS TESTEMUNHAIS MEDIATIZADOS DA IGREJA
MUNDIAL DO PODER DE DEUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisição parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística na área de concentração de Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

VITÓRIA - ES

2019

LEONARDO TEIXEIRA DE FREITAS RIBEIRO VILHAGRA

**DISCURSOS TESTEMUNHAIS MEDIATIZADOS DA IGREJA
MUNDIAL DO PODER DE DEUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento

Aprovada em: ___/___/_____.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento – PPGEL/UFES
Orientador

Profa. Dr. Luciano Novaes Vidon – PPGEL/UFES

Profa. Dra. Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira – UFG

VITÓRIA
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que, por meio de Jesus Cristo, segue nos ensinando a amar, mas sem deixar de lutar pela justiça social.

À minha mãe, Maria Inês Teixeira de Freitas, que me ensinou a ter firmeza quando necessário, mas sem perder a ternura jamais.

À minha irmã, Gabriela Teixeira de Freitas Ribeiro Vilhagra, que me ensinou a não amar pela metade e não viver de mentiras.

À minha vida, Lilliane Salera Malta, que me ensinou que cordão de três dobras não se quebra facilmente.

À minha família materna, todos e todas, que me ensinaram a conviver de modo fraterno e unido.

À minha família Salera e Malta, Silvana, Fausto, Madrinha Tuca (*na memória*), Nayara, Rômulo e Ana Márcia, que me acolheram como filho.

Ao professor doutor Jarbas Vargas Nascimento, minha grande inspiração como acadêmico, professor e como pessoa. Agradeço por toda a dedicação, a disponibilidade, a paciência, a orientação e o cuidado para comigo no decorrer do meu mestrado.

Aos examinadores titulares, professora doutora Rosângela Aparecida Ribeiro e professor doutor Luciano Novaes Vidon, por terem avaliado este trabalho com muito zelo e competência desde a qualificação até a defesa.

Ao meu companheiro de mestrado, Rafael Cossetti, que, mesmo com todas as atribulações, seguimos em frente até a defesa.

Às minhas amigas e amigos (não cito nomes, porque vocês sabem quem são), pela compreensão nos momentos de ausência e pelo apoio.

Ao professor Luis Fernando Bulhões Figueira, por ter me ajudado desde o TCC durante a graduação.

Aos(às) meus (minhas) professores (professoras) do DLL, bem como do PPGEL, todos e todas, que me ajudaram a ser o que sou academicamente e profissionalmente.

Aos meus colegas discentes da graduação de Letras Português e também do PPGEL, todos e todas, por terem feito parte dessa trajetória acadêmica.

À CAPES, por ter concedido a minha bolsa de mestrado durante o período em que a tive.

Ao povo brasileiro, verdadeiro financiador não só da bolsa, mas também de todo o ensino superior público nacional.

E, finalmente, a todos(as) os (as) estudantes que tive e que tenho. Vocês me fizeram e fazem um educador melhor.

"Então, você é rei!", disse Pilatos.

Jesus respondeu: "Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem".

João 18:37

RESUMO

Esta Dissertação tem como tema o estudo de discursos testemunhais publicados no *site* da Igreja Mundial do Poder de Deus. Nesse viés, nosso trabalho almeja examinar quais são os efeitos de sentido presentes nesses discursos, dentro de um contexto de disputa institucional no cenário religioso brasileiro vigente. Para isso, elegemos como fundamentação teórico-metodológica a Análise do Discurso de linha francesa (AD), principalmente, tendo em vista a perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Dominique Maingueneau. Além disso, como embasamento complementar, lançamos mão das contribuições das Ciências da Religião e dos estudos sobre Mídia. Este trabalho se justifica, uma vez que a ressignificação da doutrina neopentecostal influenciou inúmeras igrejas, dentre elas, a IMPD, a qual é uma das que mais cresceu na última década, aumentando ainda mais seus membros dentro e fora do país. Após nosso percurso teórico-analítico, constatamos que, em vez de glorificar a Deus por meio de um relato de uma pessoa agraciada por um evento sobrenatural, essas novas práticas discursivas acabam promovendo um marketing da IMPD frente às demais igrejas por meio do milagre.

Palavras-chave: Análise do discurso; testemunhos midiáticos; Igreja Mundial do Poder de Deus; discurso religioso.

ABSTRACT

This work is concerned with the study of testimonial discourses that were published on the website of the World Church of the Power of God. For this purpose, we aim to examine what are the effects of meaning presented in these discourses within a context of institutional dispute in the current Brazilian religious scene. Therefore, we adopted the French Discourse Analysis (AD), as the theoretical-methodological basis, considering the enunciative-discursive perspective proposed by Dominique Maingueneau. In addition, the contributions of Sciences of Religion and Media studies were used in order to support the selected theoretical bases. It's important to consider that the justification of this work is clear once the resignification of the Neo-Pentecostal doctrine influenced countless churches, among them, the IMPD, which is one of the fastest growing in the last decade, increasing even more its members inside and outside the country. As a result of our analytical course, we found that instead of glorifying God through an account of a person touched by a supernatural event, these new discursive practices end up promoting for the IMPD a marketing based in miracle.

KEY-WORDS: Discourse analysis; Mediated testimonies; World Church of the Power of God; Religious discourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>print screen</i> da página principal do site da IMPD.....	68
Figura 2 – <i>print screen</i> do tópico “Milagres”	69
Figura 3 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado da cura 1.....	72
Figura 4 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado da cura 2.....	74
Figura 5 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado da cura 3.....	74
Figura 6 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado familiar 1.....	79
Figura 7 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado familiar 2.....	80
Figura 8 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado familiar 3.....	81
Figura 9 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado do financeiro 1.....	85
Figura 10 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado do financeiro 2.....	86
Figura 11 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado do financeiro 3.....	86
Figura 12 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado da salvação 1.....	90
Figura 13 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado da salvação 2.....	91
Figura 14 - <i>print screen</i> do testemunho midiaticado da salvação 3.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO DOS TESTEMUNHOS NA IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS...	16
1.1 O CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO ATUAL.....	17
1.2 O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO.....	20
1.3 O APÓSTOLO VALDEMIRO SANTIAGO E A IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS.....	26
1.4 A BASE DOUTRINÁRIA DA IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS.....	28
CAPÍTULO II – FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	37
2.1 DA NOÇÃO DE DISCURSO À ANÁLISE DO DISCURSO.....	37
2.2 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	42
2.2.1 Interdiscurso.....	42
2.2.2 Gênero de discurso.....	45
2.2.3 Cenas de enunciação.....	47
2.2.4 <i>Ethos</i> discursivo.....	50
2.3 O DISCURSO RELIGIOSO INSTITUCIONAL.....	52
CAPÍTULO III – RELIGIÃO E MÍDIA.....	57
3.1 A RELIGIÃO, A MÍDIA E O <i>MÍDIUM</i>	58
3.2 A MUDIATIZAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO NA INTERNET.....	62
3.3 DO DISCURSO TESTEMUNHAL NO CULTO AO DISCURSO TESTEMUNHAL NO SITE; O SAGRADO E O PROFANO EM JOGO.....	65
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DISCURSOS TESTEMUNHAIS.....	68
4.1 OS DISCURSOS TESTEMUNHAIS MUDIATIZADOS NO <i>SITE</i> DA IMPD.....	68
4.2 DISCURSO TESTEMUNHAL MUDIATIZADO: A CURA.....	72
4.3 DISCURSO TESTEMUNHAL MUDIATIZADO: FAMILIAR.....	79
4.4 DISCURSO TESTEMUNHAL MUDIATIZADO: FINANCEIRO.....	84

4.5 DISCURSO TESTEMUNHAL MEDIATIZADO: SALVAÇÃO.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	103

INTRODUÇÃO

Ele não está aqui, mas ressuscitou [...]. E, voltando do túmulo, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os mais que com eles estavam. Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as demais que estavam com elas confirmaram estas coisas aos apóstolos.

Lucas, capítulo 24: 6, 9-10.

Não poderíamos nem imaginar, muito menos quantificar o quanto esse acontecimento foi glorioso e fantástico para Maria Madalena, Joana, Maria, mãe de Tiago, e outras mulheres as quais testemunharam um dos principais eventos da cristandade: a ressurreição de Jesus Cristo. Todavia, podemos sim atestar e destacar o quanto foi vital o papel de todas aquelas mulheres, ao levar a boa nova aos apóstolos, confirmando que o Messias venceu a morte e ressuscitou ao terceiro dia.

Esse episódio bíblico evidencia que, em nenhum momento, Deus optou pelo silêncio, pelo segredo e pela discrição, mas justamente o oposto: *“Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”*¹. Dizendo em outros termos, a revelação e a propagação da Palavra por meio do ser humano foram e continuam sendo essencial na doutrina Cristã.

Nesse viés, existem vários meios pelos quais se pode divulgar a fé ao mundo. Dentre esses, um merece ganhar destaque, o relato de um acontecimento divino que foi presenciado ocularmente por alguém, ou seja, o testemunho. Empregado inúmeras vezes ao longo da Bíblia, o testemunho se tornou um instrumento de evangelização muito eficaz, auxiliando no processo de conversão e de expansão do Cristianismo ao longo da história.

No entanto, testemunhar os milagres divinos há dois mil anos não é exatamente igual a testemunhar atualmente. Embora tenhamos o mesmo Deus, vários elementos se alteraram desde a igreja primitiva. Antes, o cenário religioso cristão era formado por uma unidade coesa restrita na Igreja Católica Apostólica Romana. Hoje, essa não só teve sua influência diminuída, como

¹ Marcos 16:15.

também passou a existir com várias vertentes e inúmeras denominações, sem contar as outras Religiões fora da matriz do cristianismo.

Outro elemento alterado foi o suporte do testemunho. Antigamente, esse era veiculado de modo oral, sendo que o fiel veiculava a graça recebida ora individualmente, ora para um grande público. Nos dias atuais, há também outros meios pelos quais se pode testemunhar, como o rádio, a televisão e a internet, os quais proporcionam outros recursos distintos da fala, bem como engendram novas maneiras de se lidar com o sagrado na época contemporânea.

Nesse contexto, existe o caso da Igreja Mundial do Poder de Deus (doravante IMPD). Liderada pelo autointitulado Apóstolo Valdemiro Santiago, essa vem se destacando no cenário religioso brasileiro desde o final da década de 90, ganhando ainda mais evidência e influência entre os seus membros, como também na sociedade brasileira. Utilizando estratégias e artifícios semelhantes às empresas de grande porte em uma conjuntura de intensa concorrência, a IMPD procura avultar seu quadro de integrantes por meio de cultos emocionantes e comoventes, além de megaeventos com uma extensa concentração de pessoas.

Todavia, um fator inédito merece destaque nesse processo de expansão da IMPD: a publicação de testemunho dos fiéis no *site* da IMPD. Isso nos impressionou, uma vez que não só é um fenômeno incomum ao meio religioso, mas também evidencia um novo espaço para se praticar a fé, mesclando elementos religiosos com os midiáticos e possuindo um intenso viés institucionalizado.

Assim, levando-se em consideração o exposto, o tema desta Dissertação é o estudo de testemunhos publicado no *site* da IMPD. Diante disso, o problema de pesquisa que originou esta pesquisa se configura no seguinte questionamento: quais são os efeitos de sentido presentes nos discursos testemunhais publicados no *site* da IMPD dentro de um contexto de disputa institucional no cenário religioso brasileiro vigente?

Este trabalho se justifica, uma vez que a resignificação da doutrina neopentecostal influenciou inúmeras igrejas, dentre elas, a IMPD, a qual é uma das que mais cresceu na última década, aumentando ainda mais seus adeptos dentro e fora do país. Em virtude disso, privilegiamos a reformulação da prática discursiva do testemunho fora de sua liturgia – no caso, agora circulando na mídia –, tornando esse suporte um recurso da instituição, que o aplica não só para sua autoprojeção em relação a novos fiéis, mas também reforça seus laços com os seus membros ativos.

Por conseguinte, temos como o objetivo geral examinar a constituição da cenografia e do *ethos* em discursos testemunhais veiculados na mídia pela IMPD. Já os objetivos específicos, podemos elencá-los da seguinte maneira: Identificar os interdiscursos constitutivos do gênero de discurso testemunho produzido por fiéis da IMPD; Verificar o modo de constituição da religiosidade, da cenografia e da emergência do *ethos* discursivo nos discursos selecionados; Descrever a forma como a enunciação religiosa testemunhal midiaticizada constrói o seu dizer, encenando seu próprio processo de comunicação com o objetivo de adesão e Enumerar as estratégias discursivas utilizadas pelos enunciadores e a sua atitude somática (reações) diante da IMPD.

Nesse sentido, estabelecemos como referencial teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa sob a perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau (1997, 2008a, 2008b, 2008c, 2010, 2011, 2015), as categorias de interdiscurso, cenografia e *ethos* discursivo. A escolha dos testemunhos midiaticizados, como objeto de análise para nossa dissertação, deve-se não somente por eles sofrerem influência direta do *mídiu*m da internet, mas também por materializarem recursos linguísticos e mecanismos de diferentes campos discursivos, que buscam a promoção e a divulgação da instituição para seus fiéis frente às demais igrejas.

Justifica-se nossa escolha pela AD, pois não só podemos desenvolver reflexões linguísticas e sociológicas acerca do funcionamento do discurso religioso, mas também buscar nas condições sócio-históricas de produção os mecanismos e estratégias de adesão, que organizam a prática testemunhal na IMPD. Somado a isso, vale destacar que essa disciplina da Linguística é bem

inclusiva no que tange a *corpora* diversificados e não privilegiados pela academia.

Outra importância deste trabalho se fundamentar na AD é de ela estar aberta à interdisciplinaridade. Lembrando que nossa pesquisa aborda o tema Religião e Mídia, vamos empregar de modo auxiliar as contribuições da Ciência das Religiões, a partir de autores e autoras, como Brandão (2016), Freston (1994), Hervieu-Léger (2008), Mariano (2010) e Oro (2013; 1996), e os estudos sobre mídia por meio de autores, tais quais Puntel (2010), Martino (2003) e Feitosa (2013).

O *corpus* selecionado para esta pesquisa consiste em quatro testemunhos midiáticos, aqui tomados como discursos. Cada um deles representa um grupo temático, os quais são: a cura, o financeiro, o familiar e a salvação. Esses foram colhidos aleatoriamente no *site* da IMPD por meio do recurso *print screen*, capturando, assim, o seu conteúdo verbal e também o não verbal. Optamos por eles, uma vez que cada um desses testemunhos midiáticos contém temáticas muito valorizadas, segundo a doutrina da instituição em questão. Vale destacar também que eles, por estarem no ciberespaço, possuem um alcance global, potencializando o seu papel evangelizador e de divulgação da IMPD.

Nossa Dissertação está organizada em quatro capítulos.

No capítulo I, apresentamos as condições sócio-históricas de produção dos testemunhos na IMPD. Discorreremos sobre o surgimento das novas Religiões na modernidade em contraste com as Religiões tradicionais, os fenômenos de mobilidade e do trânsito religioso. Apresentamos também a trajetória da IMPD e a sua base doutrinária para, depois, aprofundar de que maneira se configura o culto tal qual um ritual dentro das igrejas da instituição.

No capítulo II, apresentamos a fundamentação teórico-metodológica relacionada à Análise do Discurso de linha francesa, principalmente, no que diz respeito à perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Dominique Maingueneau e as categorias de análise.

No capítulo III, discorreremos acerca da mídia e a religiosidade, a fim de explicitar o fenômeno atual do imbricamento entre o ambiente midiático e o religioso. Além disso, descrevemos o *site* da IMPD, onde se encontram os discursos testemunhais, os quais são o objeto de estudo deste trabalho.

No capítulo IV, realizamos as análises do *corpus*, com base nas categorias: interdiscurso, cenografia e *ethos* discursivo.

CAPÍTULO I – CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO DOS TESTEMUNHOS NA IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS

Para a AD, nas perspectivas de Maingueneau (1997), o conceito de condição de produção tem um lugar privilegiado, na medida em que, no processo de análise, o analista deve levar em consideração fatores externos ao discurso e considerar, também, que o sujeito, como produtor de discurso, é atravessado por dados históricos, sociais e culturais que se materializam no discurso.

Em função do alcance deste conceito, Maingueneau (1997) adverte que as condições sócio-históricas de produção incidem sobre a enunciação e os interlocutores nela envolvidos e permitem ao analista compreender os posicionamentos assumidos nos grupos sociais que interagem no espaço de produção de discurso. Desta forma, os sentidos não são fixos, evidentes e únicos, mas decorrem da situação de enunciação, das influências sócio-históricas e culturais que se materializam linguisticamente no discurso.

Assim, para atingir os objetivos deste trabalho, primeiramente, faz-se necessário levar em consideração as condições sócio-históricas e culturais de produção dos discursos que selecionamos, pois elas evidenciam regularidades que orientam os efeitos de sentido que buscamos nas práticas discursivas testemunhais mediatizadas pela IMPD.

A fim de atender mais adequadamente aos objetivos aqui traçados, recorreremos à vertente da Sociologia denominada Sociologia da Religião, que trata a Religião como um “produto social” (ORO, 2013, p. 16-17), um fato ligado a uma determinada cultura, isto é,

Estuda a religião como linguagem e como relação entre as pessoas que creem: a linguagem que expressa a experiência religiosa e as relações sociais a elas relacionadas. Assim, o fenômeno religioso dá lugar a um fato social – as religiões, as Igrejas. Estuda as Igrejas como instituições sociais. Portanto, as ciências sociais estudam o fenômeno religioso sem considerar a questão subjetiva nem o enfoque do divino.

Logo, estudar a Religião com base neste pressuposto significa identificá-la e estudá-la, tal qual uma expressão humana ligada a uma figura divina, cujas ações são reguladas por instituições sociais, no caso, as igrejas.

O fato de optarmos pela AD para fundamentar nossa pesquisa nos inscreve em um campo teórico-metodológico interdisciplinar, que trabalha com a linguagem, mas que nos possibilita dialogar com a Sociologia da Religião. A relação que resulta desse tratamento interdisciplinar, refletido nos discursos da IMPD, torna-se para nós a efetivação de uma prática, que nos orienta a compreender o discurso e depreender dele diferentes efeitos de sentido, na relação com a língua, o sujeito e a história.

Levando em consideração, por conseguinte, o exposto anteriormente, nas seções seguintes, apresentamos o cenário religioso brasileiro atual, ressaltando que a IMPD que, além de ser uma igreja pentecostal brasileira de terceira onda, foi fundada pelo apóstolo Valdemiro Santiago e tem suas bases doutrinárias alicerçadas no reconhecimento e na conversão a Jesus Cristo, por dons espirituais, que enuncia a prática da Teologia da Prosperidade.

1.1 O CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO ATUAL

Desde o século XVIII, as Religiões Tradicionais, como o Catolicismo e o Protestantismo histórico, sofreram transformações profundas em seus posicionamentos teológicos. Segundo Hervieu-Léger (2008) aquelas tiveram a sua influência sobre a sociedade modificada substancialmente na modernidade, uma vez que deixaram de ser a bússola transcendental, isto é, de ser a principal voz mediadora entre as divindades e os indivíduos terrenos, bem como perdeu o seu papel de referência de comportamento para a sociedade.

A esse processo chamou-se de secularização que, para Weber (1982), é uma espécie de autonomia das outras instituições sociais em relação à Religião, como o Estado, as universidades e as famílias. Tal emancipação se desenvolveu, principalmente, devido ao crescimento da racionalização, ou seja, um conjunto de ações embasadas na razão, onde há “[...] ausência de toda

metafísica religiosa e de quase todos os resíduos de ligação religiosa” (WEBER, 1982, p. 337).

Em decorrência disso, o eclipse perdeu o misticismo e passou a ser um movimento natural lunar. As doenças deixaram de ser possessões de espíritos malignos, e grande parte das explicações do mundo terreno, e por sua vez, da influência e do controle praticado pelas Religiões tradicionais foi paulatinamente transferido ao intelecto humano, privilegiando, ainda mais, a racionalidade.

Aliado à secularização, outro fenômeno social começou a surgir nesse contexto. A quebra do monopólio de crença das Religiões tradicionais passou a desenvolver um sentimento de liberdade em muitos dos seus próprios fiéis, que começaram não só a contestar a narrativa única das instituições consolidadas historicamente, como também a desenvolver outras, paralelas a essas. Logo, a fé se tornou cada vez mais individual, adaptando-se [...] ao gosto dos indivíduos, diferentemente do que ocorria, uma vez que, no passado a religião (instituições religiosas) moldava o mundo – a exemplo o período medieval (BRANDÃO, 2016, p. 70).

Esses dois fatores engendraram o chamado pluralismo religioso, ou a pluralidade religiosa. Antes da modernidade, as Religiões tradicionais, em sua maioria, homogeneizavam os padrões culturais de uma determinada sociedade, bem como mantinham uma unidade em torno de sua instituição e, dificilmente, existiam outras além dela. Mas, após a transição do século XIX para o XX, houve uma multiplicação de crenças. As tradicionais presenciaram o abandono de vários membros de suas fileiras, e outras pessoas fundaram novas religiões, denominadas pós-tradicionais, que passaram a coexistir e a concorrer na disputa pela leitura e sentidos para a realidade.

Assim, em uma conjuntura na qual há uma série de experimentações de fé e de vários deuses possíveis a serem cultuados, o vínculo existente entre o fiel e a instituição deixa de ser firme, tornando-se frágil. Isso possibilitou a mobilidade religiosa, por meio de trocas e mudanças de credo, na medida em que as pessoas buscavam a Religião como meio de atendimento de suas necessidades pessoais, o que era algo difícil de acontecer anteriormente.

Desta forma, a Religião que se cultua hoje pode correr o risco de não ser a mesma de amanhã.

Esses fatos, atualmente, podem ser identificados no cenário religioso brasileiro. Na história do Brasil, a força e a presença da Igreja Católica foi hegemônica, mas, a partir do final do Império e no começo da República Velha, isso vem mudando muito. O governo de Deodoro da Fonseca (1889-1891), influenciado por um forte sentimento republicano, promoveu o fim do Padroado, dando início à separação da Santa Igreja com o Estado brasileiro e criando uma legislação, cujo objetivo era assegurar liberdade de crença aos cidadãos da época (CUNHA, 2010).

Somado a isso, também ocorreu uma série de migração de pessoas para diferentes alternativas religiosas, bem como houve um crescimento de outras Religiões, tais como as de matrizes africanas e as muçulmanas, entre outras. O segmento pentecostal, entretanto, aumentou significativamente. Ao longo do séc. XX, e até o início do séc. XXI, observa-se um cenário religioso bastante heterogêneo no Brasil.

Ao analisar o último censo do IBGE, Mariano (2010, p. 119) notou que

Entre 1980 e 2010, os católicos declinaram de 89,2% para 64,6% da população, queda de 24,6 pontos percentuais, os evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2%, acréscimo de 15,6 pontos, enquanto os sem religião expandiram-se num ritmo ainda mais espetacular: quintuplicaram de tamanho, indo de 1,6% para 8,1%, aumento de 6,5 pontos. O conjunto das outras religiões (incluindo espíritas e cultos afro-brasileiros) dobrou de tamanho, passando de 2,5% para 5%.

Assim, em uma conjuntura de secularização, Individualismo de fé, pluralismo religioso e de acentuada mobilidade religiosa, gerou-se um ambiente de disputa pelo fiel, que é encarado como um indivíduo a ser conquistado e mantido por uma instituição religiosa. Acerca disso, Guerra (apud STORNI; ESTIMA, 2010, p. 19) afirma que

[...] a atual conjuntura religiosa nacional do Brasil apresenta marcantes da crescente concorrência pelos fiéis, o que produz transformações organizacionais das várias igrejas que operam no mercado. Estas, por sua vez, produzem reflexos significativos em termos de seus discursos e práticas rituais.

Aliás, nesse ambiente de disputa e de conquista, vale destacar o grande grupo de evangélicos, ou seja, o da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), cujo destaque, na atualidade, nos impele a examiná-la.

Na visão de Pierucci (2008, p. 13),

[...] essa nova etapa concorrencial requer a dinamização racionalizada, tecnicamente falando, da oferta dos bens de salvação que os profissionais religiosos recriam e cada vez mais ‘copiam’ uns dos outros, e cuja distribuição, também tecnicamente racionalizada, eles administram sempre de olho na resposta concorrencial dos adversários religiosos que se multiplicam, multiplicando na mesma proporção perversos focos de ‘fogo amigo’. Um ótimo exemplo de novos focos de ‘fogo amigo’ está no precoce processo de cissiparidade por que já passa a Igreja Universal do Reino de Deus, com suas indesejadas crias: a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus.

Nesta perspectiva, a IMPD é um exemplo de Religião Pós-Tradicional, pois está imersa nesse cenário religioso complexo e dinâmico, em que não há apenas uma intensa disputa por mais e mais fiéis, como também existe todo um aparato institucional destinado a fixar o máximo de indivíduos dentro de seu quadro de membros ativos. Isso reflete diretamente em suas práticas religiosas diárias e, por sua vez, nas suas práticas discursivas. Na próxima seção, discutiremos o papel do pentecostalismo no Brasil, que objetiva resgatar a experiência de diferentes dons do Espírito Santo.

1.2 O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

O termo pentecostalismo é derivado da palavra Pentecostes, que, por sua vez, vem da palavra grega “Pentikostí” (Πεντηκοστή), cujo significado é quinquagésimo – festa judaica e cristã, segundo Lucas, celebrada cinquenta dias depois da páscoa. Esse fato está narrado no livro Atos dos Apóstolos, em que, após Jesus subir ao céu, sua mãe, outras mulheres e os discípulos receberam o Espírito Santo. Naquele momento, todos estavam em comunhão, celebrando o dia de Pentecostes e, de repente, “[...] veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam

assentados”². Segundo o livro de Atos dos Apóstolos, era a manifestação do Espírito Santo, cuja aparição trouxe ventos fortes, línguas como o de fogo e o dom de falar outras línguas, isto é, a glossolalia.

Esse evento bíblico é, segundo Xavier (2013, p. 19),

[...] é o ponto alto da sequência de eventos relacionados à morte, ressurreição e ascensão de Jesus. É por isso que para Lucas o Pentecostes possui um significado prático e dinâmico, traduzido em termos de nascimento e missão da igreja neotestamentária.

Isto é, a presença do Espírito Santo trouxe aos discípulos e todas as outras pessoas ali presentes não só os dons espirituais de natureza sobrenatural, mas também a capacidade e a responsabilidade de espalhar a palavra de Deus pelo mundo. Nas palavras de Xavier (2013, p. 24),

A partir do Pentecostes eles, e a igreja como um todo, abalariam o mundo com o testemunho entusiasmado de que Jesus concede vida a todos os que nEle crerem. A igreja é empurrada ao mundo, descobrindo de maneira clara que é verdade para o mundo, convencida de que O Espírito não foi concedido tão somente para seu deleite pessoal, mas principalmente para capacitá-la a proclamar que Deus amou o mundo de tal maneira que agora lhes possibilitará a vida em Jesus.

Contudo, vale ressaltar a relevância do termo entusiasmo, conforme esclarece Matos (2006, p. 2).

O termo “entusiasmo” (do grego en = “em” e theós = “Deus”) aponta para situações em que as pessoas afirmam receber revelações diretas de Deus, muitas vezes acompanhadas de êxtases místicos, visões e outros fenômenos associados a uma experiência religiosa de grande fervor e intensidade.

Logo, outra consequência ligada ao evento de Pentecostes é o seu caráter místico e emotivo, marcado pela valorização de experiências e práticas religiosas sobrenaturais. Matos, inclusive, traz um exemplo disso citando membros da igreja de Coríntios, os quais exaltavam as manifestações do Espírito Santo por meio de “[...] profecias e línguas extáticas, e tinham a tendência de menosprezar os cristãos que não apresentavam as mesmas

² Atos 2:2

manifestações” (MATOS, 2006, p. 3). Para eles, há uma exaltação de experiências sensitivas e insólitas vindas do Espírito Santo, a qual fornecia aos fiéis dons espirituais e, por causa disso, esses deveriam levar tais bênçãos de Deus aos quatro cantos do mundo. Esse movimento nutria um sentido e simpatia pela “moralidade ascética” (MATOS, 2006, p. 3), ou seja, uma vida destinada à contemplação espiritual e divina.

Do ponto de vista dos acontecimentos de Pentecostes, surge o pentecostalismo, fenômeno espiritual, cujas principais características, podemos resumir em: a exaltação da contemporaneidade dos dons espirituais³, um favorecimento e enaltecimento das experiências sobrenaturais divinas, principalmente, as de caráter emocional, em detrimento do exame e da pesquisa bíblica, um grande estímulo à prática de missões de evangelização e de conversão e consagração da vida pós-terrena, desprivilegiando o terreno e o material. Tais características se tornaram a base do pentecostalismo moderno, inclusive, o pentecostalismo brasileiro, que surge em solo nacional, a partir da transição do séc. XIX para o séc. XX, por meio da vinda de missionários estrangeiros, principalmente, os estadunidenses.

Embora haja divergências ideológicas pontuais, há um consenso de que o estudo mais relevante sobre a origem do pentecostalismo no nosso país seja o de Paul Freston (1994), sociólogo inglês. A fim de explicar acerca da chegada e do desenvolvimento dessa vertente do cristianismo no Brasil, Freston (1994) propõe dividi-lo em três ondas, ou seja, a Primeira Onda, o Pentecostalismo Clássico, a Segunda Onda, o Pentecostalismo da cura divina e a Terceira onda, o Neopentecostalismo.

Historicamente, o Pentecostalismo de Primeira Onda começa, em 1910, a partir da criação da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã no Brasil, ambas fundadas por estrangeiros, ou seja, suecos e italianos respectivamente. Segundo Freston (1994), essas doutrinas apresentam um forte teor de sectarismo e rejeição do plano terreno, sendo que seus adeptos acreditavam na imediata vinda de Jesus Cristo à terra pela segunda vez.

³ São aqueles narrados no livro de Atos: a Glossolalia, a qual é derivada do grego “γλώσσα”, cujo significado é falar línguas estranhas, estrangeiras; o dom da Profecia e o dom da Cura.

Em virtude disso, suas pregações continham um forte teor escatológico, ou seja, o conteúdo pregado nos cultos priorizavam os eventos ligados ao Juízo Final, bem como a apologia ao arrependimento dos pecados e as consequências para quem não fizer isso. Vale destacar também que seus pastores e obreiros tinham pouca formação teológica, apegando-se mais da intuição e da inspiração divina para pregar. Por causa dessas características, as igrejas pentecostais de Primeira Onda, de início, sofreram muito desprezo e até perseguição por parte da Igreja Católica e das Igrejas Protestantes Históricas.

O Pentecostalismo de Segunda Onda iniciou, no Brasil, na década de 50. Diferentemente do movimento anterior, as igrejas foram fundadas por brasileiros. As principais representantes desse grupo são a Igreja Pentecostal *O Brasil para Cristo*, criada por um retirante pernambucano, que residia na capital paulista, chamado de Manoel de Mello, e a Igreja Pentecostal *Deus é Amor*, instituída, em 1962, pelo pastor David Miranda, em São Paulo.

Somado a isso, naquela época, o Brasil passava pelo êxodo rural e por um grande processo de urbanização, que ocasionou

[...] mudanças capitais no perfil da sociedade. Uma tradição religiosa aberta e flexível como o pentecostalismo, certamente, seria capaz de fazer a leitura das urgências da nova conjuntura. Assim, a partir década de 1950, surgem outras denominações que incorporam de tal modo novos valores doutrinários que são consideradas em conjunto a segunda onda pentecostal brasileira. Três denominações se destacam nessa fase: Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo e Igreja Pentecostal Deus é Amor. Pode-se dizer que essa fase é geograficamente filha da metrópole e do intenso processo de industrialização do país, com as três igrejas surgindo em São Paulo e, a partir do Sudeste, desenvolvendo-se em outros lugares do país [...] (OLIVEIRA; LORETO; CALVELLI, 2017, p. 133).

Assim, o público atendido é majoritariamente de pessoas carentes e marginalizadas dentro das grandes cidades.

No que diz respeito à base doutrinária dessas instituições, as igrejas pentecostais de Segunda Onda mantiveram muitas práticas religiosas semelhantes às de Primeira Onda, principalmente, a manutenção do discurso

escatológico, a exaltação dos dons espirituais e a volta do Messias, o Salvador. Contudo, de modo inovador, outras práticas litúrgicas começaram a ser utilizadas nos cultos das igrejas de Segunda Onda, como o uso do rádio e dos grandes encontros de crentes, conforme argumenta Dias (2011). Desta forma, as instituições desse grupo começam a reverter o ascetismo terreno do pentecostalismo de Primeira Onda, isto é, gradativamente, deixaram de priorizar a vida pós-terrena, para focar em demandas terrenas e imediatas, como a cura de enfermidades físicas e também o combate ao demônio, que flagela a vida dos fiéis e dos gentios.

Embora de modo incipiente, dá-se início ao emprego de meios de comunicação modernos por parte das igrejas, como o uso do rádio. Isso é um fato marcante na época, uma vez que o espaço de pregação deixou de ser exclusivamente dos templos sagrados e passa-se a recorrer aos meios de comunicação modernos⁴ por razões teológicas decorrentes de sua finalidade de divulgação da fé. Há ainda o fato do contingente de fiéis aumentarem consideravelmente. Essas instituições passaram a receber um número maior de pessoas em seus cultos.

Por fim, há o Pentecostalismo de Terceira Onda, que renova o pentecostalismo pela forma como se apresenta. Esse grupo emergiu no fim da década de 1960 e início da década 1970, de acordo com Freston (1994). É importante frisar que Pentecostalismo de Terceira Onda é, na atualidade, um dos fenômenos mais significativos no cenário religioso nacional. Dialogando com Freston (1994), Mariano (2005) também atesta que as igrejas da Terceira Onda foram as que mais engendraram alterações teológicas, comportamentais e estéticas do movimento pentecostal, tanto que a adota o nome de Neopentecostalismo.

Segundo Rodrigues (2014, p. 103),

O modo “neo” de ser-pentecostal revive o pentecostalismo acrescentando-lhe formas de crer, de ritualizar a crença e de se comportar social, cultural, religiosa e economicamente. Trata-se de uma modalidade de pentecostalismo que não o nega totalmente, mas o redefine em face das demandas sociais

⁴ O papel da mídia no contexto das Religiões será mais explorado e aprofundado no capítulo III desta Dissertação.

recentes. Pode-se mesmo dizer que o neopentecostalismo consiste numa variação do pentecostalismo que manteve algo da sua substância, mas desenvolveu novas formas de se apropriar dos recursos tecnológicos e midiáticos, de intervenção na política (diretamente, com a eleição de candidatos apoiados publicamente pelas denominações) e participação em questões discutidas na arena pública (algumas vezes com argumentação fundamentalista que prima pela fidelidade literal ao texto bíblico).

A configuração da Terceira Onda se estabelece a partir de uma série de fatores: o crescimento desordenado das grandes cidades, o aumento da miséria e da desigualdade social, o aprimoramento da industrialização, a modernização das mídias, tais como do rádio, da televisão e até da internet. Na visão de Freston (1994), somado a isso, no âmbito religioso, houve o aprofundamento da crise de hegemonia católica, o crescimento das religiões de matriz africana, encabeçadas pelo Candomblé e pela Umbanda.

No que tange à base doutrinária das instituições ligadas à Terceira Onda, há continuidades e inovações relacionadas ao Pentecostalismo de Primeira e de Segunda Ondas. A postura escatológica, a segunda vinda de Jesus Cristo ao mundo e a exaltação aos dons espirituais se mantém. Sobre as inovações, nota-se que são demandas consideravelmente mais materiais do que espirituais.

Há uma total inversão de prioridade terrena, ou seja, prioriza-se a vida neste mundo mais do que a vida pós-terrena. Por causa disso, as temáticas das pregações e dos cultos são direcionadas a pautas concretas e mundanas, como cura de doenças físicas e mentais, busca por empregos, ou até por promoções salariais, união familiar e similares, combate ao vício de drogas lícitas e ilícitas. Vale ressaltar que esses males são originados por ações demoníacas.

No entanto, também existe um terreno propício para o surgimento da Teologia da Prosperidade, a qual, segundo Mariano (2010), baseia-se na concepção nada franciscana do “é dando que se recebe”. Outra característica desse grupo é a aquisição e investimento considerável em redes de comunicação. Aquilo que era esporádico na Segunda Onda passou a ser constante no

Pentecostalismo de Terceira Onda. As primeiras igrejas inseridas na Terceira Onda, ou seja, no Neopentecostalismo e as que mais se destacam são: a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus e a IMPD, que escolhemos como foco para esta Dissertação.

A Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD, ou simplesmente Universal) é uma das maiores instituições religiosas não só do Brasil, mas também do mundo. Ela foi fundada por Edir Macedo, em 1977, na Avenida Suburbana, na capital do Rio de Janeiro.

A Igreja Internacional da Graça de Deus foi criada por Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como pastor R.R. Soares. A fundação desta Igreja ocorreu, após um conflito entre ele e Edir Macedo, enquanto aquele era bispo da IURD. A primeira igreja da Internacional foi construída em 9 de junho de 1980, na rua Alfredo Dolabela Portela, também no subúrbio da capital do Rio de Janeiro.

Já a IMPD foi fundada pelo apóstolo Valdemiro Santiago em 1988, na periferia de Sorocaba, SP e, desde seu início, vem ganhando grande importância no cenário religioso brasileiro e internacional. Notamos que essas três igrejas nasceram em contextos urbanos, periféricos e começaram a lidar com um público marginalizado e excluído socialmente.

Assim, na próxima seção, tratamos da trajetória do apóstolo Valdemiro Santiago, da história da IMPD e de sua vinculação teológica. Com isto, buscamos angariar subsídios para explicar, no processo de análise dos discursos testemunhais que constituímos como *corpus* desta Dissertação, a forma como a IMPD faz ressurgir o Pentecostalismo de Segunda Onda, ao operar a cura divina.

1.3 O APÓSTOLO VALDEMIRO SANTIAGO E A IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS

Valdemiro Santiago de Oliveira nasceu em 2 de novembro de 1963, em Cisneiros, distrito do município de Palmas, em Minas Gerais. Até a adolescência, ele teve uma vida praticamente rural, concentrando suas atividades nesse ambiente. Em virtude da sua adolescência difícil, com alguns

conflitos com seu pai e com a morte da mãe Valdemiro Santiago interrompeu seus estudos e se mudou para a cidade mineira de Juiz de Fora à procura de trabalho. Aos 16 anos, em 1979, teve contato com a unidade da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), naquele município mineiro, e se converteu ao Neopentecostalismo.

Na IURD, começou a assumir cargos e a crescer na hierarquia da Igreja, indo de obreiro-pregador, pastor, missionário até chegar ao posto de bispo. Ali atuou por dezoito anos, sendo expulso, em abril de 1998, depois de desentendimento com o Bispo Edir Macedo. Desta forma, Valdemiro Santiago é fruto direto de uma série de pertencimentos religiosos, principalmente, quando frequentava a IURD e [...] costuma nomear de “outro ministério” e onde se letrou na arte teológico-retórica (RODRIGUES, 2014, p. 97). Santiago viajou para grande parte do Brasil, chegando até ao exterior, mais precisamente, no continente africano. Nessas andanças, em uma de suas pregações, conheceu sua esposa, Franciléia de Oliveira, que se tornou bispa da IMPD.

Após tal desligamento da IURD, Santiago viajou até a cidade de Sorocaba, situada a 90 km da capital paulista e, ali, fundou a primeira unidade da IMPD em 9 de março de 1988. Intitula-se apóstolo, embora, até aquela ocasião não existia tal título em nenhuma instituição pentecostal e/ou neopentecostal, propiciando um destaque entre os demais líderes religiosos. Após isso, Santiago promoveu uma série de planejamentos que visaram ao crescimento e à expansão de sua igreja. Segundo Mariano (2010, p. 133),

A Igreja Mundial do Poder de Deus, com 315 mil adeptos, dos quais parte considerável (além de seu líder e de muitos pastores) provém da Universal, constitui somente parte – embora uma das mais visíveis – de um movimento mais amplo de incorporação de características e estratégias proselitistas neopentecostais por outras denominações. Apesar de desqualificar de forma contundente sua matriz, até como recurso para tentar dela se distinguir, realçar sua originalidade e legitimar sua verdade, a Mundial reproduz e transmuta estratégias evangelísticas da IURD.

Existem atualmente “ [...] mais de 1.400 igrejas distribuídas pelo território nacional, todas operando sob a administração da sede em São Paulo,

chamada Grande Templo dos Milagres” (RODRIGUES, 2014, p. 118), que fica situada no bairro do Brás.

Além de estar em todos os estados da federação, a IMPD atua, também, no continente Africano, onde promove uma série de megaeventos de fé, atraindo a população local. Em 3 de março de 2018, a IMPD completou vinte anos de fundação e tem sido reconhecida como uma das igrejas que, na atualidade, mais se destaca, enfatizando milagres e curas divinas e investindo, sobremaneira, na divulgação de sua doutrina pela mídia.

Desta forma, na próxima seção, propomos apresentar as principais doutrinas neopentecostais da IMPD, evidenciando os principais temas abordados em seus cultos e rituais.

1.4 A BASE DOCTRINÁRIA DA IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS

Nesta seção, vamos nos debruçar sobre a base da doutrina, isto é, do modelo neopentecostal da IMPD, que são manifestados por meio das práticas religiosas, que se

[...] configuram a relação do homem com o sagrado, englobando ritos, rituais, orações e outros. Os ritos religiosos são heranças culturais religiosas que determinam formas especiais de viver as crenças, nomeadamente o culto e a devoção pessoal. Os rituais religiosos são gestos, palavras, procedimentos, imbuídos de simbolismo, que efetivam os ritos religiosos, sendo resultado das normas estabelecidas por tradições religiosas (COUTINHO, 2012, p. 170).

Neste sentido, podemos dizer que a IMPD apresenta muitas características do Pentecostalismo da Terceira Onda, embora encontremos especificidades e singularidades nessa instituição, principalmente, no que diz respeito ao testemunho. Por isso, recorreremos à própria instituição, a qual procura definir os principais pontos da sua doutrina, que se encaixam dentro de um pluralismo religioso. Em seu site, no tópico denominado “institucional”, encontram-se expostos os principais eixos doutrinários da IMPD. Observamos ali, antes da apresentação da doutrina, uma breve história de seu fundador, reforçando sua ligação direta com a instituição.

A chamada ministerial da Igreja Mundial do Poder de Deus começa com a vida de seu fundador, o Apóstolo Valdemiro Santiago. Nascido em Cisneiros, Distrito de Palma, no interior de Minas Gerais (IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS, 2017, n.p.).

Em seguida, após a apresentação da trajetória de vida do líder e da fundação da igreja, passa-se a expor a doutrina. Em um subtópico chamado “No que cremos?”, identificamos a declaração de que a Bíblia é inspirada por Deus e a declaração que a IMPD

[...] acredita no Deus Pai, no Filho Jesus Cristo e no Espírito Santo, propagando-os através do mandamento de Cristo: ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo; mas quem não crer, será condenado. E estes sinais seguirão aos que crerem: em meu nome, expulsarão os demônios, falarão novas línguas; Pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão. (Marcos 16: 15 - 18) (IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS, 2017, p. n.p.).

Na sequência, a IMPD realça que o ser humano é uma criação divina e que ele possui a função de servir e louvar o Criador, embora, devido ao pecado original praticado no Jardim do Éden, essa conexão tenha sido perdida. Em virtude da infinita misericórdia de Deus, Ele envia Jesus, a fim de redimir a humanidade do pecado por meio do sacrifício de sua própria vida. Depois da crucificação, morte e sepultamento, Jesus ressuscita e “[...] através desse martírio, nos propiciou a Salvação e a todo aquele que Nele crer. (IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS, 2017, p.n.).

Assim, reconhecer e confessar Jesus como filho de Deus e salvador é, segundo a instituição, “o primeiro passo” para a salvação. Ao professar essa fé, é ordenada a realização do batismo nas águas, selando o vínculo do adepto batizado com a Igreja. Declara-se, ainda, que:

[...] a Igreja Mundial do Poder de Deus preserva o ideal de que os sinais seguirão aos que crerem. Uma das principais preocupações do Ministério é mostrar a presença de Jesus Cristo como vivo e presente, na manifestação de milagres como os citados nos versículos de Marcos 16. **Há um encorajamento para que todo milagre seja testificado**, de modo a engrandecer ao nome de Deus e mostrar a todos o que Deus, através da fé, realiza em favor de nossas vidas, indiferente de religião (IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS, 2017, p.n., grifo nosso)

A partir do exposto, notamos que a IMPD, no que diz respeito à sua doutrina, guarda traços do Pentecostalismo de Primeira Onda, ou seja, o Batismo do Espírito Santo e, por sua vez, os dons espirituais, a conversão, a libertação do mal e de puritanismo de conduta (ORO, 2001). Ressalta-se, também, o encorajamento para que todo milagre seja testemunhado, utilizando-se, por conseguinte, o testemunho como uma estratégia litúrgica e discursiva.

De maneira correlata, há uma exaltação emocional da experiência insólita ligada ao evento de Pentecostes narrado no livro de Atos dos Apóstolos, que se confirma nas palavras de Pedde (1997, p. 243), quando afirma que

No mundo pentecostal, ao Espírito Santo está ligado o exercício de uma espiritualidade *sui generis*. Uma máxima deste tipo de espiritualidade é que uma Igreja que “ dá” espaço para o Espírito Santo é uma Igreja “ avivada” espiritualmente. Ao avivamento como demonstração ou exercício da espiritualidade está reservado o lugar mais importante. Esses exercícios variam de Igreja para Igreja, porém longos momentos de oração, a glossolalia, o exorcismo, os cânticos, uma pregação “ inspirada” — muitas vezes sinônimo de fundamentalismo, literalismo e conseqüente legalismo — são a tônica geral, variando a ênfase de Igreja para Igreja.

Neste viés, em relação ao Pentecostalismo, Pedde (1997, p. 245) complementa,

O pentecostalismo, mas não somente ele, opera em um sistema de pouca doutrina, de rituais variados e não entediantes, com princípios morais simples que dão uma resposta eficaz contra a desestruturação familiar e pessoal: não gastar o dinheiro em bebida, fumo ou prostituição. A família é tomada como um valor da mais alta importância. Além disso, oferece sensações e excitação para a alma e para o corpo. Cultos participativos, vivos, embalados, por via de regra, por boa música de fácil melodia e letras repetitivas. A empolgação advém dos prazerosos e excitantes momentos criados em cada reunião.

Todavia, reafirmamos com Rodrigues (2014), Mariano (2010) e Freston (1994), que o Neopentecostalismo assumido pela IMPD moldou e transformou as práticas religiosas do Pentecostalismo, acrescentando outras roupagens. Uma delas é a chamada batalha, ou guerra espiritual.

Há um confronto incessante entre Deus e o Demônio, entre o Céu e o Inferno, sendo que os seres humanos estão no meio desse conflito. Aliás, “[...] o

neopentecostalismo aponta o demônio como dispositivo simbólico explicativo da causa das doenças e dos males em geral” (ORO 1996, p. 57). Outro elemento doutrinal da instituição é o exorcismo dos demônios oficializado, principalmente, por meio das pessoas que exercem cargos na Igreja, ou seja, os pastores, bispos e o Apóstolo Santiago. Essa visão é muito difundida na IMPD, essencialmente, contra as religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda (MARIANO, 2004; ORO 2005-2006).

Reforçando este argumento, Rodrigues (2014, p. 210) atesta que

Aquele que não se converteu a Jesus, “jaz no maligno” e nessa condição está suscetível à atuação demoníaca. Por essa razão o exorcismo é justificado: a fim de que o indivíduo seja livre das amarras do diabo e possa desfrutar a vida em sentido pleno.

Outra prática teológica significativa e recorrente na IMPD é o da cura. No momento da conversação e da prática da oração, o batizado tem acesso à obtenção da cura feita pela mão de Deus que, nesta Igreja, opera com mais poder. É a mão de Deus que retira o mal das pessoas.

Vale destacar também que a prática religiosa do Neopentecostalismo brasileiro se materializa e se reatualiza na IMPD, ampliada pela forte manifestação da Teologia da Prosperidade (doravante TP), que ocorre ora diretamente, ora indiretamente nos cultos e em outras atividades da instituição. A TP busca o sucesso financeiro como realização da vontade do batizado e do compromisso de Deus. Por causa desta identidade teológica e de sua grande importância para a IMPD, além de toda a polêmica gerada por ela, é vital que nos aprofundemos em tal conceito.

Mariano (2010, p. 26) ressalta que, devido a fatores da atualidade, toda Religião precisa lidar com as adversidades e dificuldades do plano terreno e material. E afirma que “[...] as religiões de salvação, como sabemos, invariavelmente prometem aos seus fiéis a libertação do sofrimento, seja no além ou neste mundo, seja agora ou num futuro messiânico”.

Na gênese do Pentecostalismo de Primeira Onda, havia um forte sentimento ascético de desvalorização do mundo e, por sua vez, a exaltação pós-terrena e

do céu. A maioria dos membros das igrejas pentecostais era de camadas marginalizadas e economicamente desfavoráveis, porém, isso não foi uma constante. Segundo Mariano (2010, p. 27),

Enquanto seus fiéis foram esmagadoramente pobres e estiveram privados de bens materiais, culturais e educacionais, o sectarismo e o ascetismo pentecostal não geraram grandes tensões internas. Mas, com a ascensão social de parte, ainda que minoritária, dos fiéis e com o progressivo aumento da conversão de adeptos de classe média, as tensões poderiam se intensificar, e muito, não fosse a acomodação ao mundo ou a dessectarização que, nas últimas duas décadas, começou a tomar corpo em diversas igrejas pentecostais. Pois, diante da mobilidade social de parte dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos do lazer e das opções de entretenimento criadas e exploradas competentemente pela indústria cultural, esta religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes, ou fazia concessões.

As mudanças sociais, culturais e econômicas ocorridas na segunda metade do século XX impactaram diretamente nas doutrinas religiosas, principalmente, as cristãs. “O sectarismo e o ascetismo começaram a ceder lugar à acomodação ao mundo, acompanhando o processo de institucionalização de importantes segmentos pentecostais” (MARIANO, 2010, p. 27). Tal fenômeno aconteceu, primeiramente, na década de 50 e 60 e, no Brasil, isso se sucedeu nos anos 70, justamente no período do Pentecostalismo de Terceira Onda.

Para justificar e credibilizar essa sua nova postura, uma vez que contraria os preceitos bíblicos de humildade e de desapego material, a IMPD assume a TP. Podendo ser chamada de Confissão Positiva, ou Movimento de Fé, a TP surge nos Estados Unidos, na década de 40 por meio do líder religioso Kenneth Hagin. De acordo com Mariano (2010, p. 29), ela foi originada pela combinação “[...] sincrética de distintas tradições religiosas (ocidentais e orientais), práticas esotéricas e paramédicas, que deixaram marcas indeléveis neste movimento religioso e teológico”. A partir dele, outros pregadores aderiram a tal postura teológica, como Ken Hagin Jr., Kenneth Copeland, Charles Capps e Benny Hinn.

O cerne da TP, no caso estadunidense, está justamente na crença de que todo o cristão, ao se converter e se confessar a Deus, passa a deter o poder d'Ele, que, por meio do sacrifício de seu filho, morreu na cruz por amor aos homens. Tal conversão e confissão se materializam na fala, ou seja,

Estes evangélicos defendem que possuirão tudo o que determinarem verbalmente, com fé e em nome de Jesus. Saúde perfeita, prosperidade material e felicidade, direitos do cristão anunciados na Bíblia, naturalmente figuram entre as bênçãos mais declaradas por eles. Determinar nada tem a ver com pedir ou suplicar a Deus. Através do sacrifício vicário de seu filho, Deus já fez o que podia pela humanidade, perdoadando o pecado original e tornando, desde então, suas graças de saúde, prosperidade e vitória disponíveis aos homens nesta vida (MARIANO, 2010, p. 29-30).

Nesta perspectiva, os fiéis adeptos das opções teológicas anteriores à TP não tinham a possibilidade de “determinar algo para a sua vida”, ignorando direitos divinos. Somado a isso, há também “[...] a questão da fé aplicada na confissão, uma vez que é preciso estar imbuído de extrema fé para crer que a realidade possa se conformar às palavras pronunciadas com fé, em nome de Jesus”. (MARIANO, 2010, p. 30).

Além disso, a TP começou a pregar também uma adaptação do adágio nada franciscano do “é dando que se recebe”, isto é, o fiel precisar estar aberto à doação de uma quantia de dinheiro à instituição. Isso se deve, por causa da íntima relação com a expansão do televangelismo estadunidense. Na visão de Hadden e Shupe (apud, Mariano, 2010, p. 31)

[...] em função do aumento da competição entre os televangelistas, o tempo na TV tornou-se muito caro para eles. Os custos dos programas subiram mais que a audiência. Pressionados pelas despesas crescentes de seus projetos, que se tornaram cada vez mais ambiciosos, os televangelistas refinaram as formas de levantar fundos, integrando os apelos financeiros à sua teologia. Deste modo, as exigências econômicas do veículo de transmissão da mensagem religiosa acabaram por integrar e moldar seu conteúdo.

No entanto, com o tempo, tal prática tomou outras proporções, funcionando de maneira semelhante a um balcão de loja, onde se dá (dinheiro) para receber (bênçãos). Este posicionamento é insistentemente propagado nestas igrejas, “[...] visando a aumentar o contingente de dizimistas e arrecadar maiores

volumes de ofertas” (MARIANO, 2010, p. 32). Isso provoca a subversão de outras crenças caras ao cristianismo, uma vez que a TP opera e promove intensamente essa visão. Para Mariano (2010, p. 32), há uma forte

[...] inversão de valores no sistema axiológico pentecostal. Faz isto ao enfatizar quase que exclusivamente o retorno da fé nesta vida, pouco falando a respeito da principal promessa do cristianismo e, tradicionalmente, do pentecostalismo: a salvação após a morte. Além de que, em vez de valorizar temas bíblicos tradicionais de martírio, auto-sacrifício, isto é, a ‘mensagem da cruz’ — que apregoa o ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) e a perseverança dos justos no caminho estreito da salvação, apesar do sofrimento, das injustiças e perseguições promovidas pelos ímpios contra os cristãos —, a TP valoriza a fé em Deus como meio primordial de obter felicidade, saúde física, riqueza e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, tema caro ao cristianismo, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo. Este bem-estar não será alcançado através da luta coletiva e política, como propõem as CEBs, mas por meio de mediações puramente religiosas. Tais proposições não configuram propriamente a defesa de um hedonismo de cunho evangélico. Antes, os neopentecostais defendem que, no mundo, o verdadeiro cristão está predestinado à ‘vitória’, sendo ‘mais que vencedor’ em todas as esferas da vida.

No contexto brasileiro, ainda que alguns pastores pentecostais tenham praticado indiretamente a TP, como é o caso do fundador da Igreja Nova Vida, Robert McAlister, foi a IURD que mais significativamente a incorporou e disseminou ao longo do tempo, segundo MARIANO (2010). Como a IMPD é oriunda da Universal, aquela assimilou muitas das doutrinas dessa, e a TP acabou sendo adotada e praticada até hoje em suas várias unidades.

Desta forma, segundo Dias (2011, p. 379),

[...] partir do final da década de setenta um terceiro elemento é acrescentado aos dois primeiros, qual seja a difusão da crença de que a operação do Espírito nas mentes e corações liberta os indivíduos da pobreza, da miséria e da opressão demoníaca. Está assim constituída a tríade cura, exorcismo e prosperidade que caracterizará daí por diante o chamado neopentecostalismo (DIAS, 2011, p. 377)

Em virtude dessas características doutrinárias, a IMPD começou a adotar também alterações litúrgicas nas cerimônias ritualísticas em seus cultos. Podemos destacar, por exemplo, a espetacularização dos cultos, isto é,

[...] a revelação hierofânica do templo e a beleza arquitetônica das construções religiosas protestantes cedeu lugar para uma compreensão dessacralizante desses espaços de culto, que desvinculou o Sagrado da estética. Os novos espaços de culto visavam receber com praticidade multidões e, para tanto, justificava-se o investimento em infraestrutura, com aparelhagem de som e áudio modernos, bandas musicais bem ensaiadas e 'mensagens contextualizadas' que ensejavam um reavivamento da fé e a presença do Espírito Santo (RODRIGUES, 2014, p. 99).

A IMPD pratica isso de vários modos, seja em suas unidades espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, como também em ações esporádicas em estádios, clubes, parques de exposições etc. Contudo, a grande alteração, no que tange à sua liturgia, foi na prática do testemunho, conforme esclarece Oliveira (2010, p.58), ao afirmar que,

[...] na liturgia da missa católica tradicional e igrejas históricas protestantes, quando não desapareceu completamente, o testemunho tem pouco destaque. O neopentecostalismo, porém, ressitua o testemunho e faz dele o centro de uma liturgia presenteísta. Nossa pesquisa constatou que esses depoimentos têm cada vez mais ocupado os espaços nos cultos e programas de TV das igrejas neopentecostais, formado assim uma "cultura do testemunho"

Somado a isso, vale trazer à reflexão o que afirma Rodrigues, (2014, p.89), quando se refere à relação palavra e cura e à palavra como testemunha de uma verdade.

Se no protestantismo histórico ou no pentecostalismo clássico a libertação transcorria à medida que o fiel conhecia a "Palavra" e a "cura", nessa modalidade de (neo)pentecostalismo, "palavra" e "cura" se unem na experiência e posterior testemunho para libertar o religioso de toda situação de aprisionamento. A palavra, nesse sentido, continua a ter lugar central dentro da dinâmica religiosa, conquanto não como palavra de escrutínio das intenções dos crentes, não como palavra de admoestação moral, mas como palavra que testemunha uma verdade, que expressa um depoimento que assegura uma realidade porque encarnada em pessoas e não apenas representada nos relatos da Bíblia.

Assim, o testemunho se torna uma prática significativa e recorrente na liturgia da IMPD, sendo aplicada nos cultos da instituição. Contudo, dada à necessidade de a Igreja se adaptar às tecnologias modernas, a IMPD inova e

utiliza os meios digitais, principalmente, a internet, para a evangelização, com o intuito de atrair mais adeptos.

CAPÍTULO II –

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórico-metodológica acerca da Análise do Discurso de linha francesa (AD), principalmente, as categorias que utilizamos na análise do *corpus* selecionado para esta Dissertação.

2.1 DA NOÇÃO DE DISCURSO À ANÁLISE DO DISCURSO

Para tratar da noção de discurso e de AD, apoiamo-nos na perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau. Tratar da noção de discurso é para nós aprofundar a relação entre língua, história, sujeito e efeitos de sentido. Embora a AD tome como seu objeto o discurso, para os procedimentos de análise, ela apreende o texto tal qual uma materialidade histórico-linguística. Isso implica afirmar que a língua é considerada

[...] não como instrumento informacional, transparente, mas como polissêmica e opaca. Implica também aceitar que a discursividade define uma ordem própria diversa da materialidade da linguagem, mas que se realiza na língua (SOUZA E SILVA, 2014, p. 283).

Neste viés, a AD e a perspectiva assumida por Maingueneau elegem o discurso, como a

[...] intricação de um texto e de um lugar social, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. Esse dispositivo pertence simultaneamente ao verbal e ao institucional [...] (MAINGUENEAU, 2007, p. 19).

Por conseguinte, o discurso é algo além-frase, e

[...] ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico, levando em conta também (e sobretudo) os interlocutores (com suas crenças, valores) e a situação (lugar, tempo geográfico, histórico) em que ele é produzido. O discurso é contextualizado, isto é, todo enunciado só tem sentido no contexto em que é produzido: há um sujeito, um EU que se

coloca como o responsável pelo que se diz e é em torno desse sujeito que se organizam as referências de tempo e de espaço. O discurso é interativo, pois é uma atividade que se desenvolve, no mínimo, entre dois parceiros (marcados linguisticamente pelo binômio Eu-Você). É uma forma de atuar, de agir sobre o outro (SOARES; SELLA; COSTA-HÜBES, 2013, p. 272).

Portanto, ao optarmos pela abordagem de Maingueneau, consideramos que ela oferece não só contribuições teórico-metodológicas acerca da produção e circulação do discurso, mas também, a partir de seus estudos, poderemos empregar categorias de análises, que nos tornam possível alcançar os objetivos que propusemos para esta Dissertação. Aliás, é importante destacar que há um percurso histórico da AD em que a noção de discurso se torna central, fato que vamos aprofundar a seguir.

O primeiro passo significativo da origem da AD se dá pela publicação “Discourse Analysis”, em 1952, por Zellig S. Harris. Maingueneau (2015, p. 16) nos mostra que Harris, assumindo uma perspectiva estruturalista,

[...] empregava o termo “análise” em seu sentido etimológico, o de uma decomposição. Seu projeto, que hoje diria respeito à linguística textual, era, de fato, analisar a estrutura de um texto, fundamentando-se na recorrência de alguns de seus elementos, particularmente dos pronomes e de alguns grupos de palavras. Ele projetava também a possibilidade de relacionar as regularidades textuais assim identificadas a fenômenos de ordem social.

Segundo Maingueneau, a postura de Harris se configurava como uma análise “imaneente” do texto, fazendo uma correspondência com a “estrutura” extraída da realidade sócio-histórica situada fora do texto. Ainda naquela década, outros pesquisadores também surgiram de modo difuso, cada um contribuindo, à sua maneira, para o campo da AD.

Maingueneau (2015) afirma que, nos Estados Unidos, apareceram estudos de Etnografia da Comunicação, de Hymes (1927-2009) e de Gumperz (1922-2013), bem como a teoria sociológica da Análise Conversacional, de Sacks (1935-1975) e os trabalhos de cunho interacionista de Goffman (1922-1982).

Somado a isso, há também as teorias pós-estruturalistas de Michel Foucault e de Ernesto Laclau, assim como os estudos culturais de Judith Butler.

Mas, a AD terá a França como um dos principais lugares para seu desenvolvimento pleno, sendo “[...] definida, sob esse nome, como um empreendimento ao mesmo tempo teórico e metodológico específico” (MAINGUENEAU, 2015, p. 18). Em 1969, o linguista Jean Dubois foi responsável pela publicação do número 13 da Revista “Langages” da Universidade de Nanterre, cujo tema era destinado a um campo novo de pesquisa denominado Análise do Discurso, inclusive, ele também produziu um artigo para esse periódico chamado “Problemas de Análise do Discurso”.

Retomando o termo cunhado por Harris, em 1952, a Revista “Langages” inova, ao apresentar visões e questionamentos muito diversos a esse campo de pesquisa. Segundo Maingueneau (2015), ela desenvolve uma análise do discurso de maneira a

[...] ampliar os trabalhos de linguística para as relações entre língua e sociedade de renovar de alguma maneira os métodos da filologia. [...]. Em sua perspectiva, a análise do discurso aparece como uma disciplina na qual, primeiro, se estudam textos de todos os gêneros (o que rompe com as práticas mais restritivas das faculdades de letras, voltadas para corpora prestigiosos, particularmente os literários); segundo, com o auxílio de ferramentas tomadas de empréstimo à linguística; terceiro, com o objetivo de melhorar nossa compreensão das relações entre os textos e as situações sócio-históricas nas quais eles são produzidos (MAINGUENEAU, 2015, p. 18-19).

Além de Dubois, outro autor francês que contribuiu significativamente para a AD foi Michel Pêcheux. Diferentemente do coordenador da Revista, Pêcheux era filósofo marxista e pretendia desenvolver outro projeto diferente do período anteriormente citado. Na visão Maingueneau (2015), com Pêcheux, a AD se constituiu com base no Materialismo Histórico, na Psicanálise e na Linguística Estrutural. Nesta perspectiva, no final do ano de 1969, Pêcheux publica a obra “Análise automática do discurso”, que, segundo Malidier (1993, p. 2, tradução livre), trata-se

[...] ao mesmo tempo da conclusão das reflexões epistemológicas realizadas desde 1966 com Canguilhem e

Althusser como o ponto de partida da "aventura teórica do discurso". Um livro estranho e confuso, que indubitavelmente se refere à mais pessoal e peculiaridade de Michel Pêcheux e que, em conjunto, vai dar substância ao novo campo que está sendo buscado, contribui historicamente de forma decisiva para a constituição da análise do discurso em uma disciplina científica.

Com essa obra, a AD passou a possuir três pilares teórico-metodológicos, isto é, há uma junção da Linguística saussuriana, do Materialismo Histórico marxista e da Psicanálise freudiana e lacaniana. A partir desses pilares, a AD inicia, assim como toda disciplina, uma trajetória histórica, sendo que, em cada período específico, da mesma forma, houve objetivos distintos, bem como novas descobertas teórico-metodológicas. Para Baronas (2011), pode-se dizer que, na trajetória da AD, houve três fases.

A primeira fase é marcada por grande influência de Pêcheux a partir da obra "Análise Automática do Discurso", sendo que essa almejou desenvolver um "[...] projeto formal informatizado, cujo objetivo era buscar identidades em diferentes discursos; o sujeito, nessa época, é considerado como assujeitado" (BARONAS, 2011, p. 20-21).

Nesse caso, buscaram-se discursos com posicionamentos mais marcados e com uma carga monossêmica maior para serem examinados. Além disso, o sujeito era visto como um ser em uma condição passiva, relacionada à ideologia. Por causa dessa rigidez teórico-metodológica, desenvolveu-se o conceito de "máquina discursiva", ou seja, cada discurso era originado por uma máquina específica, cabendo ao analista identificá-la e descrevê-la. Uma obra que pode ilustrar o *corpus* de análise da primeira fase é "O manifesto do Partido Comunista", de Karl Marx.

A segunda fase é marcada pelo início do rompimento da noção de "máquina discursiva", a partir da criação do conceito de formação discursiva (doravante FD) por Foucault. Segundo ele,

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, funcionamentos, transformações) entre objetos, os tipos de

enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva (FOUCAULT, 2009, p. 43),

Em decorrência disso, as FDs ditam o que pode e o que não pode ser dito, engendrando um conjunto de enunciados derivados de um mesmo sistema de formação. Contudo, um enunciado não é feito de uma unidade fechada, mas sim é atravessado por discursos outros de modo regular e histórico, possibilitando, assim, que um discurso tenha mais de uma FD em sua constituição.

Desta forma, nessa fase, o objetivo ainda será examinar a identidade dos discursos; todavia, considerando que ela se relaciona com outras FDs, isto é, os analistas da época examinavam discursos menos estabilizados, por serem produzidos a partir de condições de produção menos homogêneas.

Já na terceira fase, a noção de “máquina discursiva” é implodida, por causa do desenvolvimento do conceito de Interdiscurso, fato que foi impulsionado pelas contribuições de Jacqueline Authier-Revuz acerca da heterogeneidade discursiva. Inclusive, é nessa época em que os trabalhos de Maingueneau começam a ser divulgados e reconhecidos, principalmente, em relação à sua tese de doutorado, publicada no livro “Gênese dos Discursos”, que proclama o primado do interdiscurso, aprofundando-a consideravelmente essa noção já presente em Pêcheux⁵.

A partir disso, a AD se tornou uma disciplina consistente e produtiva, como também expandiu seus pesquisadores além da França. No que diz respeito à AD praticada no contexto brasileiro, Possenti (2015), depois de examinar uma série de anais de eventos e editoriais de inúmeros periódicos, é categórico ao afirmar que

A AD é a área mais procurada dentre as diversas da linguística. Nos congressos, é sempre a que conta com o maior número de participantes. Em muitos programas de pós-graduação, é a área com mais candidatos. Além disso, há analistas de discurso em todos os departamentos de Letras e de Linguística de todas as universidades e faculdades com alguma importância (POSSENTI, 2015, p. 43).

⁵ O conceito de Interdiscurso será devidamente apresentado e aprofundado na seção 2.2.1 deste capítulo.

Segundo o autor, tais trabalhos se filiam às correntes representados por vários nomes, como Pêcheux, Bakhtin, Charaudeau e Maingueneau, de quem escolhemos estudos, que fundamentam nossa pesquisa. Acerca do tema desta Dissertação, o professor da UNICAMP também atesta que a maioria dos assuntos em AD gira em torno de

[...] temas polêmicos (e as próprias polêmicas), como as questões de gênero; em geral, questões socialmente quentes (discursos políticos, violência / intolerância); a internet tem exercido grande atração, havendo alguns temas destacados em projetos (POSSENTI, 2015, p. 44-45).

Desta forma, confirmando tais observações de Possenti (2015), este trabalho também se situa nesse domínio, principalmente, no que tange aos temas “socialmente quentes”, uma vez que nos propomos a analisar discursos produzidos por fiéis da IMPD.

2.2 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Ao optar pela AD, buscamos estudar os efeitos de sentido materializados em textos, cujas condições sócio-históricas de produção, por elas se concretizam em aliança com diferentes categorias. Além disso, a perspectiva enunciativo-discursiva, conforme Maingueneau afirma, ressalta o papel do sujeito no funcionamento do discurso.

Na verdade, na visão de Soares, Sella & Costa-Hübes (2013, p. 270), “[...] uma das grandes contribuições de Maingueneau estaria justamente em avaliar a forma como o analista deve proceder para lidar com determinado *corpus*”. Desta forma, nesta seção, apresentamos as categorias de análise empregadas nesta pesquisa.

2.2.1 Interdiscurso

Na segunda fase da AD, Courtine e Maradin (1981 apud BRANDÃO, 2004) teceram críticas acerca dos trabalhos naquela época cujos objetivos eram examinar e determinar o caráter homogêneo dos discursos, de modo a eliminar qualquer forma de heterogeneidade e diferença. Isto é, naquele período, as pesquisas procuravam “[...] apagar as asperezas discursivas, eliminar as

reentrâncias em que os sentidos podem esconder” (COURTINE; MARADIN, apud BRANDÃO, 2004, p. 87).

Logo, no lugar de focar na homogeneização, Courtine & Maradin (1981 apud BRANDÃO) afirmavam que a AD deveria se comprometer com as contradições, com as dessemelhanças, não excluindo a noção de

[...] heterogeneidade como elemento constitutivo de práticas discursivas que se dominam, se aliam ou se afrontam em um certo estado de luta ideológico e política, no seio de uma formação social em uma conjuntura histórica determinada (COURTINE; MARADIN, apud BRANDÃO, 2004, p. 88).

Assim, esse contexto de questionamento e de críticas proporcionou um espaço conveniente para o surgimento e estabelecimento do conceito de Interdiscurso, sendo que o primeiro autor a cunha-lo foi Michel Pêcheux.

Na visão dele,

[...] interdiscurso é ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade contradição-subordinação que [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 1975, p. 162).

Neste viés, Possenti (2003, p. 255) comenta a fala de Pêcheux, afirmando que “[...] os sujeitos falam a partir do já dito – e isso é exatamente o que o interdiscurso lhes põe à disposição e/ou lhes impõe”.

Todavia, esse conceito ganha ainda mais fôlego com a colaboração de Maingueneau, o qual reformula as contribuições iniciais de Pêcheux, transformando o Interdiscurso como uma das principais categorias de análise da AD.

Para Maingueneau (2008b, p. 20), “[...] a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos”. Esse espaço de trocas configura a interdiscursividade, a qual é o processo de

[...] reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos produzidos

fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento (MAINGUENEAU, 2004, p. 273).

A partir dessas constatações, o autor desenvolve a hipótese do *Primado do Interdiscurso*, ou seja, a interdiscursividade antecede a discursividade e é nela que está presente a relação entre o Mesmo e o Outro. Para deixar mais clara a noção de interdiscurso, Maingueneau (2008a) apela à tríade universo, campo e espaço discursivos.

- i- universo discursivo corresponde ao conjunto de formações discursivas de todos os tipos, que interagem numa conjuntura dada. É finito e apesar de não ser possível sua apreensão global é de pouca utilidade para o analista;
- ii- o campo discursivo é formado por um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo como devem ser preenchidas;
- iii- já o espaço discursivo é composto por um conjunto de formações discursivas que o analista julga importantes para a sua pesquisa.

Com essa proposta, a concepção de que a identidade das formações discursivas era fixa e estável, podendo ser descritas somente por elas mesmas, cai por terra. Esse fato implica que

[...] a identidade discursiva está construída na relação com o Outro. Não se distinguirá, pois, duas partes em um 'espaço discursivo', a saber, as formações discursivas por um lado, e suas relações por outro, mas entender-se-á que todos os elementos são retirados da interdiscursividade. Mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade (MAINGUENEAU, 1997, p. 119-120).

Em relação a isso, ele arremata que o discurso nasce “[...] *de um trabalho sobre outros discursos*” (1997, p. 120, grifos do autor), sendo que esse trabalho se configura a partir da “interincompreensão”, ou seja,

[...] o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de interincompreensão regrada. Cada

um conduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sob a forma do 'simulacro' que dele constrói (MAINGUENEAU, 2008a, p. 5).

Observa-se, então, que uma formação discursiva interpreta outra a partir de seu próprio posicionamento. Nesta tensão, o sentido oscila, de acordo com o espaço de posições enunciativas.

Todavia, como bem lembra Maingueneau (1997, p. 120), essa tradução não é de “[...] uma língua natural para outra, mas de uma formação discursiva à outra, isto é, entre zonas da mesma língua”. Portanto, o surgimento de um discurso não ocorre de modo autônomo, mas remetendo-se sempre a discursos outros enunciados anteriormente. Além disso, sua identidade é difusa e porosa, nunca fechada em si.

2.2.2 Gênero de discurso

Inicialmente, devemos salientar que os discursos não se formam simplesmente por enunciados alheios, muito menos descontextualizados, mas a partir de um gênero de discurso. Embora já existam registros acerca disso na antiguidade clássica, o primeiro a desenvolver tal conceito de modo substancial foi Bakhtin, em sua obra *Estética da criação verbal*. Na visão do filósofo russo, toda a atividade humana está diretamente ligada à linguagem, sendo que o emprego dela se dá por meio de enunciados orais e escritos. Contudo, ele afirma que “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso**” (BAKHTIN, 2012, p. 262, grifos do autor).

Inclusive, Bakhtin (2012) reconhece que os gêneros de discurso são diversos e infinitos, uma vez que, da mesma forma, as atividades humanas também são diversas e infinitas. Em virtude disso, ele reúne os gêneros em dois grandes grupos, os primários e os secundários.

Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença

funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de uma formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformaram e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance (BAKHTIN, 2012, p. 263).

Com grande influência de Bakhtin, Maingueneau (2008a) também concebe os gêneros de discurso não como um apanhado de enunciados alheios, descontextualizados, mas como “[...] dispositivos de comunicação sócio-historicamente condicionados, que estão em constante mudança e aos quais são frequentemente associadas a metáforas como ‘contrato’, ‘ritual’ e ‘jogo’ [...]” (MAINGUENEAU, 2008a, p.152).

No que tange aos co-enunciadores envolvidos no gênero de discurso, cada um assumirá uma função específica, uma vez que

[...] o indivíduo não é interpelado como sujeito, sob a forma universal do sujeito de enunciação, mas em um certo número de lugares enunciativos que fazem com que uma sequência discursiva seja uma alocução, um sermão [...]. Os enunciados dependentes da AD se apresentam, com efeito, não apenas como fragmentos de língua natural desta ou daquela formação discursiva, mas também como amostras de um certo gênero de discurso. (MAINGUENEAU, apud CAVALCANTI, 2013, p. 432).

Maingueneau (2008a) nos alerta, ainda, que tipo de discurso e gênero de discurso não são semelhantes. O tipo de discurso se caracteriza como “[...] setores da atividade social (discurso político, midiático, literário etc.) (MAINGUENEAU, 2008a, p. 42)”. Já os gêneros de discurso são os dispositivos de comunicação os quais pertencem a um tipo de discurso, configurando, assim, como “[...] duas faces da mesma realidade: um tipo de discurso é constituído de gêneros, todo gênero se destaca sobre o fundo de um tipo de discurso determinado” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 42). Em suma, o gênero de discurso implica um contexto específico, exigindo papéis, uma inscrição contextualizada no espaço e no tempo, sendo essa manifestada em

um suporte, com alguma finalidade e contendo uma organização textual e recursos linguísticos específicos (MAINGUENEAU, 2008a).

Consideramos, por conseguinte, os discursos testemunhais da IMPD veiculados pela mídia como gêneros de discurso religioso, que comportam em seu interior uma cenografia constituída, produzindo um *ethos* discursivo institucional.

2.2.3 Cenas de enunciação

O conceito de cena de enunciação proposto por Maingueneau (2008c) é oriundo da metáfora da cena de teatro. Na visão do autor, o discurso está submetido pelas restrições do gênero de discurso em questão e, simultaneamente, pela encenação no momento da enunciação, ou seja, “[...] ao mesmo tempo um *quadro* e um *processo*: ela [cena de enunciação] é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças [...], e as sequências das ações, verbais e não verbais que habitam esse espaço” (MAINGUENEAU, 2015, p. 117).

Ainda neste esteio, Maingueneau (2002, p. 84) afirma que “[...] um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é **encenada**”. Entretanto, conforme ele mesmo sinaliza, tal cena teatral apresenta certos limites, uma vez que

[...] se um(a) ator (atriz) pode afirmar sem dificuldade que não é Hamlet ou Engraçadinha, os quais participam dos gêneros de discurso, salvo situações muito particulares, não podem deixar suas roupas nos camarotes (MAINGUENEAU, 2015, p. 118).

Logo, tais cenas devem legitimar, estabelecendo e configurando o sentido, pois “Todo discurso pretende convencer, fazendo reconhecer a cena de enunciação que ele impõe e por intermédio da qual se legitima” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 125).

Ao se aprofundar mais no conceito de cena de enunciação, Maingueneau (2015) evidencia que essa é representada por uma interação entre três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A cena englobante corresponde

[...] ao tipo de discurso, a seu estatuto pragmático [...] ela define o estatuto dos parceiros e certo quadro espaciotemporal. Não se pode falar de cena administrativa, publicitária, religiosa, literária etc., para toda e qualquer sociedade e para toda e qualquer época, e as relações entre essas cenas variam de uma conjuntura a outra (MAINGUENEAU, 2008a, p. 115-116).

Assim, a cena englobante é o produto de um recorte presente em alguma esfera da sociedade de um determinado tempo, no qual os gêneros de discurso circulam. Logo, a cena englobante não é o gênero de discurso em si, mas, a partir dela, podemos identificar a qual tipo de discurso o gênero pertence. Inclusive, Maingueneau emprega o exemplo do panfleto. Por exemplo, em alguma rua, quando se recebe um deles,

Devemos ser capazes de determinar se se trata de algo que remete ao discurso religioso, publicitário etc., ou seja, devemos ser capazes de determinar em que cena englobante devemos nos colocar para interpretá-lo, para saber de que modo ele interpela seu leitor (MAINGUENEAU, 2008a, p. 115-116).

Como se trata de um tipo de discurso, e não o gênero em si, é errôneo achar que a cena englobante “[...] é suficiente para especificar as atividades discursivas nas quais se encontram engajados os sujeitos” (MAINGUENEAU, p.116, p. 2000a). Tendo em vista tal limitação, somos levados à cena genérica.

A cena genérica é onde o gênero de discurso se concretiza, manifestando uma intencionalidade à atividade comunicativa na qual os co-enunciadores estão inseridos. Maingueneau nos mostra que

O gênero de discurso implica um contexto específico: papéis, circunstâncias (em particular, um modo de inscrição no espaço e no tempo), um suporte material, uma finalidade etc. Cada gênero ou subgênero de discurso define o papel de seus participantes: num panfleto de campanha eleitoral, teremos um “candidato” dirigindo-se a “eleitores”; num curso, retemos um professor dirigindo-se a alunos etc. (MAINGUENEAU, p. 116, 2008a).

Assim, a junção de cena englobante e cena genérica formam o quadro cênico, que se define como “o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2002, p. 87). Contudo, isso não é regular, nem tão pouco constante, pois

Em muitos casos, a cena de enunciação reduz-se a essas duas cenas; porém, outra cena pode intervir, a *cenografia*, a qual não é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, sendo instituída pelo próprio discurso (MAINGUENEAU, 2008a, p. 116, grifos do autor).

De outro modo, existem gêneros de discurso que têm o quadro cênico definido e estável. Por exemplo, uma receita de bolo possui uma cena englobante com um tipo de discurso culinário e, por sua vez, a cena genérica institui o leitor como “quem quer fazer a receita”, enquanto quem a produziu é a(o) “cozinheira(o)”, cujo objetivo é fazer o bolo.

Todavia, nem todos os gêneros são assim, porque alguns possuem um alto grau de instabilidade, necessitando de uma terceira cena a qual vai “passar a cena englobante e a cena genérica ao segundo plano” (2008a, p. 117), ou seja, a cenografia.

Logo, a cenografia se alicerça em três elementos, os co-enunciadores, uma cronografia (um momento em que estão) e uma topografia (um local onde se situam). A partir desses elementos, todo discurso almeja se legitimar, instituindo uma cena da enunciação, a qual será ratificada, ou não. Para Maingueneau (2008a, p. 118),

[...] desde sua emergência, a palavra supõe certa situação de enunciação, a qual, com efeito, é validada progressivamente por meio dessa mesma enunciação. Assim, a cenografia é, ao mesmo tempo, *origem e produto do discurso*. [...] Quanto mais o co-enunciador avança no texto, mais ele deve se persuadir de que é aquela cenografia, e nenhuma outra, que corresponde ao mundo configurado pelo discurso.

É importante ressaltar que, por um lado, as cenografias mais estáveis são as enunciações monologais, onde o locutor consegue dominar todo o percurso enunciativo. Por outro lado, em alguns casos, como em uma interação oral, essa dificuldade desaparece, sendo muito difícil os participantes imporem a mesma cenografia no decorrer de toda a interação, pois “[...] eles são obrigados a reagir imediatamente a situações imprevisíveis suscitadas pelos interlocutores e a modificar continuamente a encenação de sua palavra” (MAINGUENEAU, 2015, p. 124).

Neste último caso, a cenografia vai se apoiar nas chamadas cenas validadas “[...] isto é, (cenas) já instaladas na memória coletiva, seja a título de modelos que se rejeitam ou de modelos, que se valorizam” (MAINGUENEAU, 2002, p. 92). Em relação às cenas validadas, dependendo do objetivo do discurso, cada situação dispõe de um acervo memorial específico, que se configura a partir de um “[...] estereótipo autonomizado, descontextualizado, disponível para reinvestimentos em outros textos” (MAINGUENEAU, 2002, p. 92).

2.2.4 Ethos discursivo

O conceito de *ethos* surge a partir da obra *Retórica*, na qual Aristóteles afirma que

É o *éthos* (caráter) que leva à persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. Confiamos sem dificuldade e mais prontamente nos homens de bem, em todas as questões, mas confiamos neles, de maneira absoluta, nas questões confusas ou que se prestam a equívocos. No entanto, é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do orador (ARISTÓTELES, apud FIORIN, 2012, p. 139).

O estagirita iniciou um dos principais estudos sobre a arte de persuadir, demonstrando o quanto o uso da palavra possui força dentro dos contextos sociais. No entanto, os estudos sobre o *ethos* não se limitaram à retórica antiga. As ciências da linguagem, principalmente, as vertentes da Pragmática e na Análise do Discurso resgataram tal noção, proporcionando contribuições teóricas significativas atualmente.

Nesse contexto, destacam-se os trabalhos de Maingueneau acerca do *ethos*. Diferentemente de Aristóteles, o autor francês afirma que tal conceito não é apenas algo exterior à fala do locutor e que evidencia a qualidade e virtude do orador, mas sim é um elemento intrínseco à enunciação, sendo que tal conceito se constitui por meio do discurso a partir das cenas de enunciação.

Logo, segundo Maingueneau (2008a), à medida que o enunciador enuncia, o co-enunciador se depara com uma voz que corresponde a um tom que remete a um fiador, sendo que esse é a figura que

[...] o leitor deve construir com base nos indícios textuais de diversas ordens, vê-se assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia de acordo com os textos. O 'caráter' corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto a 'corporalidade', ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social (MAINGUENEAU, 2011, p. 72).

A figura do fiador, assim, vai se constituindo a partir das representações sociais, isto é, dos estereótipos. A partir deles é que a enunciação vai se formar, ora ratificando, ora refutando. Considerando isso, o *ethos* discursivo remete a uma maneira de ser, cabendo ao(s) co-enunciador(es) aderir(em), ou não ao fiador.

Todavia, o conceito de *ethos* discursivo foi reformulado por Maingueneau (2011), por causa dos novos fenômenos atuais, principalmente, com o surgimento e a popularização da internet, a qual proporcionou novas possibilidades ligadas ao uso da linguagem e também novas formas de interação social.

A primeira reformulação feita por Maingueneau (2010) está ligada à hierarquização de *ethé*. O autor emprega o *site* de relacionamento *Meetic*, com o intuito de ilustrar isso. Esse site comporta vários anúncios amorosos escritos por pessoas, as quais almejam conhecer outras, de acordo com suas preferências e gostos. Desta forma, "O *ethos* de cada locutor é, assim, dominado pelo *ethos* atribuído a este meta-enunciador que é a marca responsável do site (MAINGUENEAU, 2010, p. 27).

A segunda reformulação diz respeito às cenas de enunciação, as quais o *ethos* está intimamente ligado. Na visão de Maingueneau (2010), a *Web* não depende totalmente da concepção clássica do gênero, sendo essa última uma das principais bases relacionadas aos trabalhos sobre o *ethos*, isto é,

[...] dizemos 'clássico', o gênero de discurso é estruturado em diversos níveis: tipo de discurso > gênero de discurso > situação de enunciação singular; este que, por nossa parte, nos expressamos com a ajuda da tripartição: cena englobante > cena genérica > cenografia. A cena genérica desempenha o papel central e o hipergênero, um papel periférico. Na *Web*, a situação é bem diferente. As restrições impostas pela cena

genérica são, na verdade, frágeis. (MAINGUENEAU, 2010, p. 28).

Na verdade, segundo o autor, o hipergênero e a cenografia é que são mais importantes no ciberespaço, uma vez que

O enfraquecimento da cena genérica na Internet se manifesta igualmente por meio da fragmentação das páginas da tela: trata-se não de um texto, mas de um mosaico de módulos heterogêneos, o que interdita colocar em correspondência simples *um* texto e *uma* cena de enunciação (MAINGUENEAU, 2010, p. 29)

Inclusive, sobre a cenografia na web, Maingueneau afirma que ela possui uma dupla formação. Existe uma cenografia verbal e uma cenografia digital. A primeira é essencialmente linguística, enquanto a segunda possui três dimensões:

- Iconotextual: o site mostra imagens e se constitui ele mesmo em um conjunto de imagens na tela;
- Arquitextual: o site é uma rede de páginas agenciadas de uma determinada maneira;
- Processual: cada site é uma rede de instruções (MAINGUENEAU, 2010, p. 28).

A terceira reformulação diz respeito ao fato de que o *ethos* discursivo pode ser formado não só por elementos verbais, mas também por imagens, animações etc., isto é, por meio de iconotextos. Isso não era possível, por exemplo, no texto impresso, devido às suas limitações do papel, limitando-se apenas aos indícios linguísticos.

2.3 O DISCURSO RELIGIOSO INSTITUCIONAL

Nesta seção, tratamos sobre o discurso religioso, procurando compreender a forma como ele se constitui, principalmente, destacando o seu viés institucional. Para Maingueneau (2008c), assim como o literário, científico e o filosófico, o discurso religioso, é bastante expressivo no mundo atual; todavia, existem poucas pesquisas sobre ele, necessitando de estudos mais sistemáticos.

Desta forma, tomamos como referência principal Orlandi (1996), a qual propõe um funcionamento para esse tipo de discurso a partir de uma série de características. A primeira que podemos abordar é a assimetria de planos.

Isso representa o desnivelamento de planos entre a divindade - no caso, o Deus cristão - e os seres humanos, uma vez que ambos são de naturezas diferentes, isto é, Aquele é divino, imortal, locutor do discurso e fonte das revelações, das crenças, enfim, de todos os princípios fundamentais da doutrina cristã, enquanto esses são terrenos e mortais, os quais são os ouvintes. Devido a isso, é estabelecido uma hierarquia na qual o Senhor possui o controle sobre todos.

Contudo, devemos frisar que existe um terceiro elemento nessa hierarquização, cuja constituição se dá a partir dos representantes de Deus, como padres, pastores, pregadores, os quais são vinculados a uma instituição religiosa. Sobre isso, Orlandi (1996, p. 242) afirma que “[...] aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”.

Logo, as pessoas que ocupam cargos clericais nas instituições religiosas acabam se tornando representantes da divindade. Em virtude disso, a instância de produção do discurso religioso é formada por Deus, juntamente pelas instituições, ao passo que a instância de recepção é composta por fiéis e por membros de igrejas.

Em função dessa assimetria, estabelecendo a hierarquização entre os produtores e os receptores do discurso religioso, surge outra característica observada por Orlandi (1996, p. 245):

Dada a forma da representação da voz, e dada a assimetria fundamental que caracteriza a relação falante/ouvinte no discurso religioso, mantém-se a distância entre o dito de Deus e o dizer do homem, ou seja, há uma separação (diferença?) entre a significação divina e a linguagem humana.

Notamos que há uma distância entre o “dito de Deus” e o “dizer do homem”. Se há um distanciamento, as significações oriundas desses dizeres são imprecisas, provocando uma nebulosidade interpretativa.

Entretanto, não podemos confirmar que existem quaisquer sentidos, pois, consoante a Orlandi (1996, p. 246, grifos nossos), os sentidos são regulados pelas próprias instituições. A fim de ilustrar isso, a autora atesta que,

No cristianismo institucional, a *interpretação própria* é da Igreja, o *texto próprio* é a Bíblia, que é a revelação da palavra de Deus, o *lugar próprio* para a palavra de Deus é determinado segundo as diferentes cerimônias.

Desta forma, podemos afirmar que, no caso do cristianismo, e por sua vez no Neopentecostalismo, as igrejas detêm um papel significativo na produção de sentidos do discurso religioso.

Nesse viés, como o discurso religioso tem relação direta com o sagrado, sendo que as igrejas mediam a relação de Deus com os seres humanos, além de regularem as significações, as instituições religiosas podem, por meio de suas práticas discursivas, influenciar e até controlar os fiéis, afetando seus comportamentos, suas crenças, enfim, suas condutas no mundo.

Esse fato nos leva à terceira característica: a dissemetria do discurso religioso. Para Orlandi (1996, p. 247),

Como a dissemetria se mantém, é preciso que os homens, para serem ouvidos por Deus, se submetam às regras: eles devem ser bons, puros, devem ter mérito, ter fé, etc. É preciso, pois, que eles assumam a relação da dualidade, a relação com o Sujeito diante do qual a alma religiosa se define: esses sujeitos, para serem ouvidos, assumem as qualidades do espírito, qualidades do homem que tem fé.

Levando em consideração o papel das instituições religiosas na mediação e regulação das significações envolvendo o sagrado, bem como que a fé é a qualidade do espírito que indica uma possibilidade de salvação, a qual é uma dádiva divina (ORLANDI, 1996), podemos inferir que o discurso religioso possui um forte teor institucional.

Isso ocorre, pois, com a finalidade de que os fiéis tenham a sua fé validada e que alcancem as promessas de Deus e, principalmente, a salvação, esses devem se submeter à Palavra do Criador. Todavia, essa última tem suas

significações reguladas pelas instituições religiosas, logo, os crentes acabam se sujeitando às instituições.

Um desdobramento disso é a prática da Teologia da Prosperidade, conforme foi exposta no capítulo I desta Dissertação. Para a Igreja Mundial do Poder de Deus, estendendo-se às outras instituições neopentecostais, a Teologia da Prosperidade é uma doutrina aceita e muito difundida em suas liturgias e cultos. Para a Igreja Católica, existe uma postura totalmente divergente. A Teologia da Prosperidade não é aceita, como também é condenada.

Aliás, nesse viés, é importante ressaltar a relação entre discurso religioso e discurso bíblico observado por Nascimento (1993, p. 50). Para ele,

[...] o discurso religioso nasce do discurso bíblico, um discurso **tecido** com outro produz um novo discurso, não uma soma dos dois. E o sentido está nessa nova totalidade, que constitui um discurso e não a soma das duas unidades ou de suas significações. A produção de sentido se modifica, e assim, sucessivamente.

Como bem observado pelo autor, o discurso religioso emprega o discurso bíblico, a fim de se legitimar, através da interdiscursividade, suas falas. Em outras palavras, O discurso bíblico atua como uma fonte de ratificação das práticas discursivas ligadas às doutrinas feitas pelo discurso religioso, produzindo novos efeitos de sentido.

Voltando ao exemplo da Teologia da Prosperidade, podemos observar isso em uma declaração intitulada “Deus te quer rico e próspero” publicada no site da Mundial, cujo objetivo é, indiretamente, fazer uma apologia à TP.

O Salmos 112: 1 começa com Aleluia, que significa Deus Seja Louvado. Feliz é o homem que tem prazer em obedecer e louvar a Deus, em aprender sobre o Senhor. A promessa para aqueles que amam a Deus é para vocês e para seus filhos, os filhos terão sua geração abençoada e haverá prosperidade e riqueza (IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS, 2018, n.p.).

Essa declaração se inicia com uma referência ao versículo encontrado no Livro de Salmos. Após a citação indireta, há os dizeres da instituição, a qual afirma que a prosperidade e a riqueza são preceitos de Deus.

Notamos, então, que o discurso religioso possui um forte viés institucional, sendo formado pela assimetria de planos, a qual provoca a hierarquização entre Deus e os seres humanos, sendo que as instituições religiosas atuam na mediação e na regulação dos sentidos produzidos, além de terem a possibilidade de influenciar e controlar os fiéis por meio de suas práticas discursivas. Vale destacar também nesse processo a utilização do discurso bíblico pelo discurso religioso, com o intuito de validar os seus dizeres.

CAPÍTULO III – RELIGIÃO E MÍDIA

Ao estudar a linguagem pela ótica da AD, as ações humanas são vistas como práticas discursivas, as quais são feitas por sujeitos históricos que, por meio da materialidade da linguagem, produzem efeitos de sentido. Nesse viés, o analista, com o intuito de analisar os efeitos de sentido, não deve ignorar os elementos externos ao discurso, bem como o sujeito, tal qual produtor de discurso, sendo atravessado por dados históricos, sociais e culturais que se materializam no discurso.

Sabendo disso e lembrando que o tema desta Dissertação é o estudo de discursos testemunhais publicados no *site* da IMPD, é importante nos recordamos de uma das características que constituem as condições sócio-históricas e culturais de produção dos testemunhos produzidos no interior dessa Instituição.

Conforme vimos no capítulo I, uma das singularidades do Neopentecostalismo brasileiro e da IMPD, é a apropriação dos meios tecnológicos e midiáticos destinados às práticas religiosas dessas instituições (FREESTON, 1994; MARIANO, 2010; RODRIGUES, 2014). Assim, essa vertente do cristianismo, desde sua gênese, empregou o rádio, a televisão e, atualmente, a internet de modo significativo e constante, ou seja, vemos a proferição da fé não só dentro dos templos, mas também nos programas de TV, nas ondas do rádio e até no ciberespaço.

Esse é um ponto importante, necessitando de um aprofundamento sobre isso neste capítulo, porque a Religião enquanto produtora de discurso não o produz da mesma maneira, ao acrescentar o fator midiático. Demonstrando isso em outras palavras e empregando o contexto deste trabalho, os efeitos de sentido de um discurso testemunhal realizado dentro de uma igreja da IMPD não são os mesmos do que um discurso testemunhal publicado no *site* da instituição.

É essencial, portanto, não ignorar as pesquisas sobre a mídia, pois, como Gregolim nos lembra (2007, p. 13), “[...] os campos da AD e dos estudos da

mídia podem estabelecer um diálogo extremamente rico, a fim de entender o papel dos discursos na produção das identidades sociais”.

3.1 A RELIGIÃO, A MÍDIA E O *MÍDIUM*

Seja por meio de paredes das cavernas, papiros egípcios, tábuas de pedra, confissões orais, cânticos etc., desde épocas imemoriais, o ser humano buscou frequentemente meios pelos quais pudessem difundir suas crenças, dogmas e crédulos aos seus pares.

Todavia, devemos frisar que tais meios não são apenas formas intermediárias de propagação de uma mensagem, muito menos não influenciam o conteúdo dessa. Pelo contrário, essas mídias desempenham um papel essencial no ato comunicativo, uma vez que

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta (GREGOLIN, 2007, p. 16).

Dialogando com Gregolin (2007) e tratando-se do nível discursivo, isso fica ainda mais evidente a partir dos estudos desenvolvido por Maingueneau (2002) sobre textos de comunicação. Para ele, “[...] é necessário reservar um lugar importante ao modo de manifestação material dos discursos, ao seu suporte, bem como o modo de difusão” (MAINGUENEAU, 2002, p. 71).

Em decorrência disso, o teórico francês desenvolveu o conceito de *mídiu*, o qual é um conjunto de mediações feitas por um suporte a partir das quais torna uma ideia em força material capaz de modificar um gênero de discurso (MAINGUENEAU, 2002).

Vale ressaltar que aquele não é

[...] um simples ‘meio’ de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O *mídiu* não é um simples ‘meio’, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do *mídiu* modifica o

conjunto de um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2002, p. 71-72).

Dialogando com o teórico francês, Ferreira (2018, p. 99) também atesta que o “[...] *mídium* altera o modo de produção, circulação, manifestação, disseminação, memorização e arquivamento do gênero de discurso em questão”.

Logo, ficou evidente que a troca do *mídium* de uma enunciação altera totalmente não só o gênero de discurso em si, mas também seus co-enunciadores e seus efeitos de sentido. Somado a isso, ao se tratar especificamente de Religião, esse questionamento observado por Maingueneau (2002) pode dialogar com o trabalho feito por Martino (2003). Esse notou que existe um profundo vínculo entre a Religião e a Mídia, atualmente, do qual pode-se extrair dois conceitos: o de mediação e de midiatização. A mediação diz respeito ao acompanhamento de meios de comunicação de alguma ação, a qual é divulgada por determinada instituição religiosa. Já a midiatização ocorre, quando a mídia se torna parte das atividades individuais e institucionais religiosas.

Trazendo um exemplo disso ao contexto religioso,

A transmissão de um culto religioso pela televisão, sem nenhum tipo de alteração de práticas litúrgicas, é a “mediação” do culto; quando, no entanto, o próprio culto religioso é planejado e adaptado para ficar mais parecido com o estilo de programas de televisão, ou quando algumas lideranças religiosas adotam práticas semelhantes à de figuras midiáticas, seja no modo de vestir, seja na maneira de lidar com o público, seja em sua preparação específica para conduzir celebrações e cultos em um estilo apropriado de transmissão via TV ou internet, então estamos na lógica da midiatização (MARTINO, 2003, p. 15).

Assim, Martino (2003) vem a corroborar com o de *mídium* elaborado por Maingueneau (2002). Inclusive, ambos apontam para uma significativa influência e até sobreposição da Mídia em relação à Religião, isto é, o que antes era apenas um meio de se difundir uma mensagem, hoje, passou a ser tão importante do que aquilo que é transmitido.

Acerca disso, Feitosa (2013, p. 213) reforça essa afirmação, mostrando-nos que

A cada dia percebe-se o fortalecimento da presença da Igreja nas mídias eletrônicas. Programas radiofônicos com orações, rezas, aconselhamentos; cultos televisivos que são verdadeiros shows; novelas que contam a história de José, Sansão e Dalila e tantos outros personagens bíblicos; filmes em cinemas que retratam a morte de Cristo, e até a vida de José e Maria como atletas.

Nesse sentido, o papel da Mídia se tornou altamente relevante que, em consequência disso, gerou-se a emblemática constatação elaborada por Hoover (p. 53, 2006, grifos nossos) “ [...] o fato fundamental é que, para existirem hoje, as instituições [religiosas] que desejam estar ativas na esfera pública **precisam existir na mídia**”.

Entretanto, essa necessidade de existência na Mídia por parte das denominações religiosas nem sempre foi aceita de modo resignado, ou harmônico. Na verdade, cada uma lidou de maneiras distintas com esse fenômeno, ora aceitando integralmente, ora relutando em reconhecer essa situação de dependência.

Um exemplo disso foi o que ocorreu com o Catolicismo. Na visão de Peixoto e outros (2008, p. 8),

A evolução do relacionamento da Igreja [Católica] com a comunicação social, desde o surgimento da imprensa, constituiu-se por fases que passaram pelo confronto aberto e pelo exercício da censura e repressão oficializadas; pela aceitação comedida dos novos meios, utilizados para a emissão das mensagens religiosas, sem abandonar a vigilância sobre a imprensa.

Todavia, diferentemente do Catolicismo, o Neopentecostalismo brasileiro assume uma postura totalmente distinta, quando se trata dos *mídiuns* modernos. Conforme foi demonstrado no capítulo I, uma das principais características dessa vertente do Cristianismo era o fato delas utilizarem diretamente dos meios tecnológicos e midiáticos, a fim de evangelizar e expandir sua fé, bem como suas sedes pelo país.

Eles empregam tais recursos em suas liturgias diárias desde as suas fundações. Essa apropriação deles é tão significativa e marcante que, segundo Fonteles (2007), da virada do séc. XX para o XXI no Brasil, os 5 grandes canais de TV religiosos eram neopentecostais, sem falar dos 271 programas de rádio dessa natureza. Além disso, vale destacar a compra da Rede Record pela Igreja Universal do Reino de Deus na década de 90, sendo a primeira grande emissora de televisão comandada por evangélicos.

Em virtude do uso em larga escala dos meios de comunicação por denominações religiosas, Martino (2003) afirma que existem instituições as quais priorizam tanto a Mídia que podem ser classificadas, de acordo com o seu grau de mediação. No caso das denominações religiosas com um alto grau de mediação, essas são aquelas que tratam

[...] a mídia como se fosse um elemento central de sua existência, algo visível, sobretudo pelo uso em larga escala de programas de televisão – ou, como em alguns casos, por terem a concessão de um canal próprio. No caso brasileiro, as igrejas Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, **Mundial do Poder de Deus**, Renascer em Cristo e Bola de Neve [...] (MARTINO, 2003, p. 20, grifos nosso).

No que tange à IMPD, a presença da Mídia na instituição é ainda mais significativa, uma vez que o investimento e o emprego deles são uma prática constante. Para Maranhão Filho (2010), Valdemiro Santiago é um dos maiores tele-evangelistas do Brasil, tendo mais de 100 horas semanais de aparições nas emissoras brasileiras. Somado a isso,

Arrendou integralmente a Rede 21, transmitido em UHF em parceria com a Band, onde inaugurou estúdio de 400 metros quadrados com réplica de montanha e diversos cenários interativos e comandado por Didini, diretor de programação da Rede 21. Arrendou ainda a Radio Ômega FM, rebatizada como Radio Ômega Mundial FM e a Radio Mundial do Rio de Janeiro, que pertencera às Organizações Globo, além de publicar os livros *Sê tu uma bênção* e *O grande livramento* e o jornal *Fé Mundial*, com tiragem de 500 mil exemplares. Tem sua midiatização completada pelo uso do portal cibernético www.impd.com.br e da livraria virtual da IMPD (MARANHÃO FILHO, 2010, p. 356-357).

Já na internet, mais especificamente, no Facebook⁶, o perfil oficial da Igreja Mundial do Poder de Deus conta, atualmente, com quase 800.000 seguidores, isso sem contar outras redes sociais, como o Instagram, o Twitter, o YouTube etc. Inclusive, sobre o uso da mídia digital pela Religião, é importante nos aprofundarmos, pois isso está mais relacionado com os objetivos desta Dissertação. Assim, na próxima seção, vamos nos empenhar em fazer isso.

3.2 A MIDIATIZAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO NA INTERNET

Conforme foi visto na seção anterior, ficou evidente que a Mídia passou de um mero instrumento de transmissão passivo empregado pela Religião para um elemento essencial, chegando até a interferir diretamente no conteúdo religioso veiculado.

Dentre os vários meios de comunicação, vale destacar a internet, a qual, a cada dia, passa a abrigar ainda mais as instituições religiosas. Em relação a isso, podemos apontar três características referentes à presença da Religião no meio digital.

A primeira dela é apontada por Assis e Melo (2017, p. 85-86), as quais afirmam que esse fenômeno “[...] relativamente recente, que proporciona à religião novos modos de expressão, já que esta não ficará restrita apenas ao espaço dos templos”. Nesse viés, a internet, ao abrigar a Religião em sua rede, apresenta-se como um novo modo de experiência religiosa e de propagação da fé, indo além dos muros das igrejas e dos templos.

A segunda característica se relaciona com a instituição em si. A web “[...] também permite que identidades institucionais sejam reforçadas diante das diversas concorrências culturais e religiosas” (BELOTTI, 2012, p. 139).

Dialogando com Bellotti (2012), Jungblut (2010) também afirma que a internet contribuiu para que grupos religiosos estimulem as suas próprias instituições, aplicando o proselitismo religioso. No cenário religioso brasileiro,

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/impdoficial>. Acesso em 18 de julho de 2018.

Neste caso, os evangélicos estão sozinhos na dianteira pois, no Brasil atual, empenham-se, como ninguém mais, numa gigantesca mobilização pela expansão de seu rebanho e a Internet, como já havia acontecido com o rádio e a TV, se tornou um front onde estes religiosos gastam muito de sua energia conversionista. Diferentemente de outros grupos, eles agem vigorosamente segundo a lógica do mercado, fazendo com que cada grupo ou indivíduo evangélico potencialize, ao máximo, na Internet, os apelos salvacionistas desta modalidade de cristianismo (JUNGBLUT, 2010, p. 207).

A terceira característica diz respeito à virtualidade das liturgias. As experiências religiosas ocorrem, na maioria das vezes, por meio dos ritos e condutas associadas à determinado credo. Segundo Belotti (2012), ao acessar o *site* de uma instituição, o fiel pode, por exemplo, acender [...] velas virtuais, o acompanhamento de missas transmitidas pela Internet em tempo real, **a possibilidade de se deixar recados e testemunhos em fóruns e murais** (BELOTTI, 2012, p. 138, grifos nossos).

Em relação a essa última característica, é necessário fazer uma observação importante. Como este trabalho considera a Religião como produtora de discursos, cada um desses vai se manifestar por meio de um gênero de discurso. Por exemplo, durante uma missa, pode existir o gênero de discurso Sermão Religioso, ou, durante um culto, pode existir o gênero Louvor. Assim, cada ritual de uma doutrina específica se manifesta por meio de um gênero.

No entanto, assim que esse gênero de discurso associado a um ritual específico passa a ser midiaticado, o *mídiu*m altera totalmente a sua configuração, modificando o modo de enunciação, a função dos co-enunciadores e, principalmente, os efeitos de sentido, trazendo, portanto, novas características discursivas.

Levando em consideração isso, podemos elencar algumas particularidades associadas às mudanças proporcionadas pela alteração do *mídiu*m no gênero de discurso testemunho midiaticado.

A primeira dela diz respeito à desmaterialização do suporte internet, ou seja, essa não mais se restringe ao impresso. Tal fato promove

[...] uma enorme rede de relações virtuais que permite um número ilimitado de percursos distintos, podendo o 'leitor'

navegar quase sem barreiras em um emaranhado de enunciados (MAINGUENEAU, 2002, p. 82-83).

Por causa disso, outra particularidade observada por Maingueneau (2008) é que o site se configura tal qual uma prática intersemiótica, na qual as marcas linguística-enunciativas e imagéticas se organizam, de modo que é possível articular figuras com textos escritos de diferentes texturas, cores e tipografias, além de áudios (gravados, e/ou mixados) e vídeos. De fato, quando não se está limitado ao impresso, novas outras configurações são possíveis.

Outra particularidade diz respeito ao número ilimitado de destinatários, ou seja, quando o discurso é midiaticado na internet, pode-se atingir um público muito abrangente e com “[...] uma assimetria extraordinária, um enunciador e um auditório cuja extensão e identidade são dificilmente determináveis” (MAINGUENEAU, 2002, p. 82).

Assim, partindo das considerações feitas por Maingueneau (2002, 2008) acerca do *mídiu* internet e suas influências nos gêneros de discursos midiaticados, podemos aplicar isso aos testemunhos dos fiéis da Igreja Mundial do Poder de Deus, os quais compõem o *corpus* desta Dissertação.

Inicialmente, conforme foi visto no Capítulo I a partir de Rodrigues (2014) e Oliveira (2010), os testemunhos praticados pelos fiéis da IMPD se manifestam por meio de um gênero de discurso específico. Esse era feito no suporte oral, com uma interação face a face de quem relata o evento milagroso para com o público e algum pastor da Mundial no momento de um culto dentro de templo religioso da instituição.

No entanto, o objeto de análise deste trabalho não são os discursos testemunhais descritos anteriormente, mas sim discursos testemunhais midiaticados no site da IMPD. Esses surgem a partir do seguinte processo.

Existem várias equipes de marketing da instituição presentes em vários templos da instituição, principalmente, os que acomodam um maior número de pessoas. Durante um culto, há o momento destinado ao ritual do testemunho. Nesse instante, equipes registram um testemunho oral, além de fotografar o depoente junto com o pastor regente.

Após isso, há uma retextualização do testemunho, sendo que a foto é acrescida ao texto. Esse material é enviado para a sede da Mundial e, depois de uma seleção, isso é convertido uma publicação no endereço eletrônico da instituição.

Portanto, o gênero de discurso testemunho oral acaba sofrendo uma série de transformações, tornando-se um novo gênero, isto é, o testemunho midiaticizado digitalizado. Em relação a isso, é necessário aprofundar mais acerca desse processo na próxima seção, a fim de evidenciar as novas singularidades enunciativas presentes nesses novos gêneros de discurso.

3.3. DO DISCURSO TESTEMUNHAL NO CULTO AO DISCURSO TESTEMUNHAL NO *SITE*; O SAGRADO E O PROFANO EM JOGO

Segundo o que foi exposto na seção anterior, o gênero de discurso testemunho, na verdade, foi midiaticizado, formando, assim, um novo gênero de discurso, o testemunho midiaticizado digital. Isso aconteceu por meio do processo de dessacralização, isto é, ele perdeu o seu status de sagrado, uma vez que deixou de estar em universo religioso, passando a ser de um universo midiático.

No que diz respeito ao aspecto sagrado que está associado ao discurso testemunhal, é essencial abordarmos isso por meio dos trabalhos de Eliade (2001). A partir de suas pesquisas sobre o fenômeno religioso, o autor concluiu que cada Religião possui uma concepção diferente do sagrado, o qual é uma manifestação de “[...] uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’ (ELIADE, 2001, p. 12).

Tal realidade se expõe como um poder grandioso, sobrenatural, o qual provoca temor e um sentimento de nulidade, lembrando que o ser humano é apenas uma criatura mortal e finita. Juntamente o sagrado, existe a sua oposição, que é o profano, ou seja, tudo aquilo que pertencente à realidade dos seres humanos, alusivo ao seu dia a dia.

Nesse viés, o sagrado enquanto força sobrenatural além-deste mundo chega a nós a partir de manifestações. Essas são denominadas hierofanias⁷,

Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano” (ELIADE, 2001, p. 13).

A manifestação da hierofania ocasiona uma presença do sagrado no mundo comum, ou seja, no mundo profano. No entanto, deve-se levar em consideração que essa relação sagrado x profano não é um simples maniqueísmo, porque

O sagrado, no entendimento do autor romeno, consiste em qualquer força sobrenatural que rompa o mundo comum; assim, mesmo uma força tida como maléfica ou demoníaca seria também uma manifestação do sagrado (MOURÃO, 2013, p. 24).

Tais conceitos formam uma dicotomia profundamente intrínseca, sobre a qual Eliade (2001) chega a afirmar que ambos são formas de *ser no mundo*. Por causa disso, pode-se inferir que existam dois planos distintos. O plano sagrado, divino, e o plano profano, terreno, sendo que o primeiro, o qual é transcendente, revela-se no segundo por meio da hierofania.

Quando essa ocorre em um lugar físico no plano terreno, o espaço acaba se tornando de igual forma sagrado. Um exemplo disso é a Basílica do Santo Sepulcro, local onde, segundo o Cristianismo, Jesus foi crucificado, sepultado e renasceu no terceiro dia.

Além disso, é interessante ressaltar que o estabelecimento do espaço sagrado pode-se suceder também de maneira contínua e feito por seres humanos. Esse

⁷ Etimologicamente, essa palavra vem do grego hieros (ἱερός) = sagrado e faneia (φαίνειν) manifestação.

último é chamado por Eliade (2001) de consagração, ou seja, é uma ação antrópica, a fim de sacralizar um determinado espaço, sendo que

Definitivamente, é graças ao Templo que o Mundo é resantificado na sua totalidade. Seja qual for seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários (ELIADE, 2001, p. 34).

Logo, a consagração de um espaço permite que esse seja um lugar ideal para determinados rituais de uma doutrina específica. No que tange à Igreja Mundial do Poder de Deus, o culto feito nos vários templos da instituição faz parte de um ritual de adoração e de louvor a Deus. Em uma parte da liturgia do culto neopentecostal, ocorre o testemunho de um membro da Igreja, cuja função é promover a evangelização através de um relato envolvendo um milagre proporcionado por Deus.

Nesse caso específico e nesse espaço consagrado, é usado o gênero de discurso testemunho religioso, o qual faz parte de um ritual da instituição religiosa. Existem ali condições sócio-históricas e culturais de produção discursivas singulares, co-enunciadores específicos, com um modo de enunciação distinto e produzindo efeitos de sentido próprios.

Mas, no momento em que a equipe da IMPD registra, retextualiza, edita e o publica no site, já não estamos diante mais de um gênero de discurso testemunho religioso de natureza sagrada, mas sim de um testemunho mediatizado digital de natureza profana, isto é, a dessacralizado.

Em virtude disso, o *corpus* desta Dissertação é composto por gêneros de discurso do tipo testemunho mediatizado digital, o qual perdeu seu caráter sagrado, bem como sua função e constituição original.

Portanto, após constatar isso, resta-nos examinar os efeitos de sentido proporcionados por esse novo gênero de discurso, a partir das categorias propostas por Maingueneau, no caso, o Interdiscurso, a cenografia e o *ethos* discursivo, sendo que isso será feito no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV –

ANÁLISE DOS DISCURSOS TESTEMUNHAIS

Neste capítulo, dedicamo-nos às análises e examinamos a maneira pela qual a cenografia e o *ethos* discursivo se configuram nos discursos testemunhais midiáticos de fiéis da IMPD. Assim, consideramos não só os mecanismos linguísticos materializados no *corpus*, mas também os recursos não verbais nele presentes, articulando-os às condições sócio-históricas e culturais de produção dos discursos selecionados.

A fim de dar conta de nossos objetivos, as análises que empreenderemos se ancoram em categorias propostas por Maingueneau, privilegiando o interdiscurso, cenografia e o *ethos* discursivo. Desta forma, em um primeiro momento, vamos descrever o *corpus*, a maneira como ele foi selecionado e agrupado e, em seguida, faremos a análise.

4.1 OS DISCURSOS TESTEMUNHAIS MUDIATIZADOS NO SITE DA IMPD

Selecionamos, para este trabalho, quatro discursos testemunhais midiáticos, que foram publicados no *site* da IMPD, cujo endereço eletrônico é www.impd.org.br. Ao digitar esse endereço na aba do navegador, somos direcionados à página principal da instituição, que pode ser vista abaixo:

Figura 1 – *print screen* da página principal do site da IMPD



Fonte: <https://www.impd.org.br>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

Como bem lembra Maingueneau (2008), o suporte *site* se configura tal qual uma prática intersemiótica, em que as marcas linguístico-enunciativas e imagéticas se organizam.

Na página principal da IMPD, há uma série de informações acerca da igreja. Na aba superior da esquerda para a direita, há a logo da instituição, os horários dos cultos, telefones para contato, um *link* para ver as programações ao vivo, os dados bancários destinados a ofertas e ao pagamento de dízimos *on-line*, tudo em versão em português, espanhol e inglês. A oferta e o dízimo são entendidos como uma atitude de louvor a Deus.

Logo abaixo, além da foto do fundador da IMPD, Valdemiro Santiago e sua esposa, a bispa Franciléia de Oliveira, há tópicos nos quais levam a outras páginas, cujos conteúdos representam a história da igreja, principais doutrinas, eventos e ícones voltados às redes sociais, como facebook, twitter e YouTube.

O tópico que nos interessa é o “Milagres”. Ao acessá-lo, somos direcionados à parte do *site*, onde os discursos testemunhais são publicados. Esses discursos são proferidos durante o ritual em diferentes templos da IMPD e, após o culto, passam por uma edição, sendo retextualizados por uma equipe da igreja, que acrescenta a imagem do fiel, junto com um membro da instituição antes de postá-lo. Assim, o discurso que fora ritualizado, passa para uma situação de desritualização, no momento em que começa a ser veiculado na mídia. Na figura a seguir, podemos ver o tópico “Milagres”.

Figura 2 – *print screen* do tópico “Milagres”

The image shows a screenshot of a website titled "MILAGRES". At the top, there is a navigation menu with options: MUNIDIAL, IGREJA, TV, RÁDIO, LOJA, Português, and DOAÇÕES. Below this is a secondary menu: HOME, INSTITUCIONAL, MILAGRES, PALAVRAS, EVENTOS, NOTÍCIAS, IGREJAS, CONTATO, DOWNLOADS, and social media icons for Twitter, Facebook, YouTube, and Instagram. The main header features the word "MILAGRES" in large white letters on a dark blue background, with the tagline "VEJA OS GRANDES MILAGRES E MARAVILHAS QUE DEUS TEM FEITO NESTA IGREJA!" to its right. The content area is divided into three sections. On the left, there is a featured article titled "Criança curada após abraço do Apóstolo" with a photo of a man and a child. Below it is a smaller article "Bebê curada em 17 dias!". In the center, there is a vertical list of buttons labeled "CURA", "FAMILIAR", "FINANCEIRO", and "SALVAÇÃO" under the heading "VEJA ESSES MILAGRES". On the right, there is a large blue banner with the text "ENVIO DE COMPROVANTES" and "CLIQUE AQUI".

No alto, no título do tópico, está escrito “Milagres” em um fundo azul celeste, que simboliza o céu, bem como o enunciado “Veja os grandes milagres e maravilhas que Deus tem feito nessa igreja”, cujo objetivo é convidar quem está acessando a página e reforçar o status de exclusividade divina da instituição como lugar em que “as maravilhas de Deus” acontecem. Abaixo no canto esquerdo, já é possível entrar em contato com alguns discursos testemunhais ali enunciados.

No canto direito, há um banner com um enunciado em caixa alta com os dizeres “ENVIO DE COMPROVANTES” e, logo abaixo, no modo imperativo, *clique aqui*. Os dois enunciados estão separados por um azul harmonioso mais claro, em forma de um caminho, simbolizando uma ligação entre o humano e o divino, com a mesma força argumentativa do tópico “Milagres”.

Os dois tons se complementam e tornam mais fluida e menos tensa a relação entre os enunciados “Envio de comprovantes” e o “clique aqui” materializados em azul mais forte. Assim, fica evidente que esses enunciados são mais do que uma simples ideia, na medida em que sinalizam um procedimento normativo institucional, direcionado à comprovação do depósito de dízimo e ofertas.

Já no centro, existem quatro subtópicos temáticos dispostos e ordenados. Esses não estão lá de modo aleatório, pois funcionam como estratégias enunciativo-discursivas, reveladoras dos princípios doutrinários e as dimensões e valores ético-religiosos da IMPD. Esses subtópicos são: “Cura”, “Familiar”,

“Financeiro” e “Salvação”, que se justificam, uma vez que a orientação dos cultos e das pregações neopentecostais abordam temáticas direcionadas a pautas concretas do cotidiano, com forte posicionamento da Teologia da Prosperidade.

A “cura” é a base para a salvação, na medida em que propicia a recuperação simbólica da saúde do corpo e da alma, da prosperidade mundana e da prosperidade celestial, o que confere ao sujeito religioso nova identidade. Nesta perspectiva, a cura das doenças se alcança por meio da fé e, assim, ela se torna um trampolim para a salvação da alma, pois a doença é uma manifestação de malefícios do/no corpo. Por isso, aquele que crê precisa dos benefícios e do milagre da cura. Para Campos (1997, p. 356), “[...] curar é levar as pessoas à salvação, por meio de um afastamento radical das causas de seus males, o demônio. A cura é, nesse sentido, uma recuperação da harmonia e da paz (...)”

O segundo subtópico é a “familiar”. Ele visa a repensar que a salvação de cada fiel está condicionada à felicidade familiar. É, por isso que, por meio do familiar, o crente ganha prosperidade e atinge a salvação. Todo caminho que vai demarcando à família se fundamenta no neopentecostalismo, uma vez que, nesta abordagem teológica, a família é o núcleo-base da sociedade, criada diretamente por Deus.

O terceiro subtópico é o “financeiro”. Ele simboliza não somente um compromisso do fiel com a instituição, mas também se estabelece como um processo de confirmação na fé, porque a própria IMPD supõe seu percurso financeiro em consonância com o fiel. Segundo Mariano (2010), tal posicionamento é oriundo da Teologia da Prosperidade, que enfatiza que o financeiro e, em consequência, a riqueza se relacionam com a vida celestial, ou seja, a prosperidade alcançada vida terrena reflete o que ocorrerá na vida celestial.

Por último, o subtópico “salvação”, que se institui como consequência de uma trajetória de vida invocada pela Teologia da Prosperidade. Em outras palavras, ao se converter e aceitar Jesus Cristo como único Salvador, que retira todos os

pecados, o crente se livra do mal, transformando-se em uma nova criatura, apta a usufruir dos benefícios de tal decisão. A conquista da salvação resulta do percurso se origina na cura e caminha até a eternidade, passando pelo familiar e o financeiro.

A partir desse percurso teológico, inferimos que a instituição concebe uma trajetória de vida alicerçada por orientações advindas das formações discursivas advindas dos posicionamentos institucionalizados pela IMPD. Com esse posicionamento, o *site* reforça a existência de uma identidade religiosa, apta a valorizar a vida terrena, ao mesmo tempo em que mobiliza a vida extraterrena por meio da salvação.

A seguir, escolhemos um discurso testemunhal midiaticado de cada subtópico e vamos analisá-los separadamente nas seções que seguem.

4.2 DISCURSO TESTEMUNHAL MIDIATIZADO: A CURA

O primeiro discurso testemunhal midiaticado que analisamos refere-se ao tema cura. A fim de registrá-lo aqui, nesta Dissertação, e de facilitar a análise, recorreremos ao *print screen*. Todavia, por causa do *layout* da página da *web*, não nos deparamos com o objeto de pesquisa em sua totalidade, mas com partes dele, tanto que há uma barra de rolagem na lateral direita, cuja função é evidenciar o conteúdo digital que está além do visível da tela. Logo, para se ver o texto em sua totalidade, é necessário arrastá-la para baixo, conforme observamos em seguida.

Figura 3 - *print screen* do testemunho midiaticado da cura 1

MUNDIAL IGREJA TV RÁDIO LOJA Português DOAÇÕES

MUNDIAL
IGREJA DO PODER DE DEUS
A MÃO DE DEUS ESTÁ AQUI!

Busca

DOMINGO DA FORÇA E DA GRAÇA DE DEUS
7H / 10H

CENTRAL DE ATENDIMENTO
+55 (11) 3577-3800
+55 (11) 3488-3050

PROGRAMAÇÃO
AO VIVO

HOME INSTITUCIONAL MILAGRES PALAVRAS EVENTOS NOTÍCIAS IGREJAS CONTATO JORNAL MUNDIAL

MILAGRES VEJA OS GRANDES MILAGRES E MARAVILHAS QUE DEUS TEM FEITO NESSA IGREJA!

IGREJA > MILAGRES > CURA > SEJA NO LEITO DE HOSPITAL, DEUS TE OUVIU

SEJA NO LEITO DE HOSPITAL, DEUS TE OUVIU
"Deus ouviu a minha oração. Eu saí do hospital viva"

VEJA ESSES MILAGRES

CURA

<https://www.impd.org.br/milagres>

Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/3985>.

Na primeira parte, deparamo-nos com o início do discurso enunciado em caixa alta, com a cor vermelha, seguido de uma citação e informações sobre a data e sua autoria. Esta cenografia pode nos levar a inferir que os co-enunciadores, a princípio, deparam-se com o gênero de discurso notícia, cuja constituição [...] independente do suporte, obedece a seguinte estrutura composicional: manchete, lead, episódio e comentário (ARANHA; SILVA, 2017, p. 5).

De fato, a manchete é a que está escrita em vermelho e em letras garrafais no topo da página em lugar de destaque. Abaixo dela, há parte dos *leads* e uma citação direta, estratégia discursiva muito comum nesse gênero de discurso. Assim, a cena genérica se constitui no gênero de discurso notícia, que apresenta “[...] o relato de uma série de fatos a partir do mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 1993, p. 16). Por consequência, a cena englobante pertence ao discurso jornalístico.

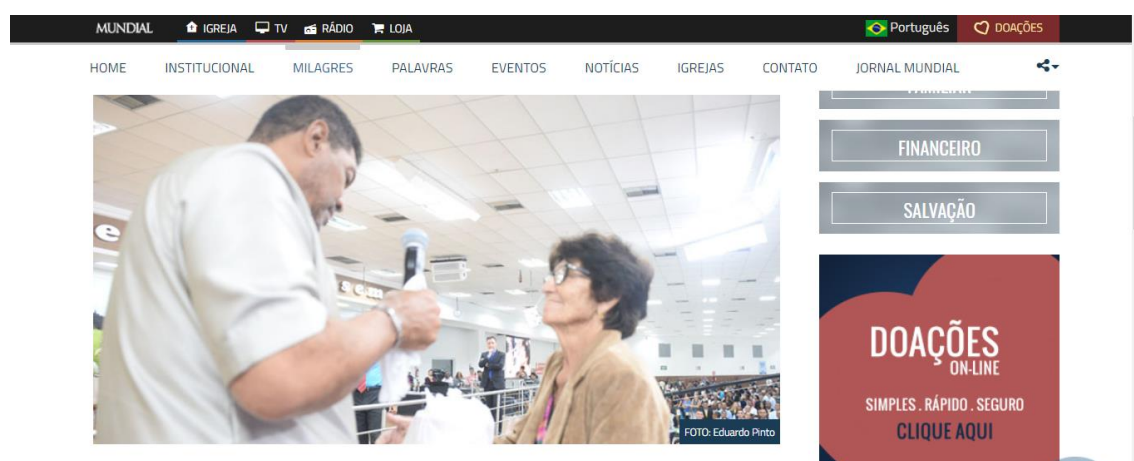
Só que, além dessas características típicas do gênero notícia, existe um elemento que merece destaque: o enunciado “matéria de”, logo abaixo da data do tema. Esse recurso indicia um dado de autoria do repórter, que assume o papel de enunciador na cenografia. Ainda que a produção do gênero de discurso notícia seja delegada ao jornalista, esse discurso se vincula e está

submetido a um periódico da IMPD, logo, quem se responsabiliza pela enunciação é a própria Igreja. Assim, o quadro cênico produz uma matéria jornalística, cujo objetivo é narrar um fato milagroso, envolvendo uma fiel da IMPD.

Todavia, devemos lembrar das reformulações acerca dos conceitos de cenografia e de *ethos* discursivo, quando esses passam a circular em um universo digital. Uma dessas reformulações é que, segundo Maingueneau (2010, p. 28), “As restrições impostas pela cena genérica são, na verdade, frágeis”, tornando, assim, o papel do hipergênero e da cenografia muito mais relevantes e decisivos. Sabendo disso, damos seguimento à nossa análise.

Ao abaixar a barra de rolagem, vemos a continuidade do *corpus* em análise.

Figura 4 - *print screen* do testemunho midiaticado da cura 2



Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/3985>.

A partir do surgimento da foto da fiel no momento em que a barra de rolagem é arrastada para baixo, a cena genérica de notícia começa a ficar em segundo plano, dando espaço para uma cenografia de testemunho. Isso se deve, porque o enunciador emprega uma cena validada, que está associada a uma memória coletiva ligada ao testemunho. Isso pode ser comprovado na foto publicada na página eletrônica. É possível dizer que visualizamos uma cenografia em que, em primeiro plano, encontramos o próprio Valdemiro Santiago junto com a fiel dentro de uma Igreja da IMPD. Nele, um membro da

Igreja segura um microfone na mão e direciona-o à crente, como se ela narrasse o acontecimento milagroso. Ao fundo, há a plateia que acompanha toda a movimentação vinda do púlpito. Essa cenografia condensa uma mescla de características já instaladas “[...] no universo de saber e de valores do público” (MAINGUENEAU, 2008b) referentes ao testemunho.

Por causa disso, no funcionamento discursivo, os co-enunciadores iniciam uma troca de papéis. Antes, eles eram leitores de uma notícia e, agora, passam a assumir um papel de participantes do culto da IMPD. Esse processo fica ainda mais evidente na terceira parte desse primeiro discurso.

Figura 5 - *print screen* do testemunho midiaticado da cura 3

MUNDIAL IGREJA TV RÁDIO LOJA Português DOAÇÕES

HOME INSTITUCIONAL MILAGRES PALAVRAS EVENTOS NOTÍCIAS IGREJAS CONTATO DOWNLOADS

“Eu fui desenganada pela medicina por causa de um câncer de papila, que afetou o meu fígado, a boca do meu estômago, a minha vesícula e um pedaço do intestino”, conta Terezinha Guilhermina da Fonseca, 1939. 78 anos, moradora de Presidente Olegário, Minas Gerais.

“Foi preciso que eu passasse por uma operação de risco e ao todo, foram quarenta dias internada no hospital, passando mal, entre a vida e a morte e com chances do câncer voltar. No leito de hospital, conheci a Igreja Mundial do Poder de Deus pelo programa de televisão e passei a orar e a clamar pela ajuda de Deus”.

De posse dos exames, Terezinha conclui: “Deus ouviu a minha oração. Eu saí do hospital viva, sem sequelas, curada de todos os males do câncer pela misericórdia de Jesus Cristo para comigo, através do trabalho desta obra. Agradeço muito a Deus e a este ministério”.

MAIS MILAGRES

Bebê curada em 17 dias! Liberto do crack Atingido por bala perdida

EVENTOS

Suzano - SP
Mulheres de Deus em Ação com Pastora Rose Barreto Gomes
Quinta-feira 23/08/2018 | Horário: 19h
Local: Rua Baruel, 380 - Centro (Próximo à prefeitura)

Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/3985>.

Na cena anterior, pudemos notar a presença de recursos linguístico-discursivos, que reforçam a cenografia de testemunho. Assim, a fim de analisá-los melhor, vamos verificar três recortes.

Recorte 1

“Eu fui desenganada pela medicina por causa de um câncer de papila, que afetou o meu fígado, a boca do meu estômago, a minha vesícula e um pedaço do intestino”, conta Terezinha Guilhermina da Fonseca, 1939. 78 anos, moradora de Presidente Olegário, Minas Gerais.

No recorte 1, há o emprego do discurso direto, o qual cria um efeito que simula restituir as falas citadas, bem como fornecer credibilidade a quem as cita (MAINGUENEAU, 2000). Em virtude dessa estratégia, o enunciador não só se apaga, dando evidência à crente, como também ativa a cenografia de testemunho, na medida em que a cena validada referente a tal prática religiosa é instaurada. Ou seja, é muito comum no início de discursos testemunhais neopentecostais a apresentação de um fiel, bem como o seu relato acerca dos problemas que sofria antes de ser abençoado.

Com base nessa cenografia, há também o surgimento de um tom de padecimento que, gradativamente, engendra a imagem do enunciador como alguém que contraiu uma doença terrível e que está sofrendo com isso.

Relembrando as condições sócio-históricas de produção, conforme expusemos no capítulo II, as igrejas pentecostais da Terceira Onda modificaram eixos doutrinários da Primeira e da Segunda, priorizando temáticas mais palpáveis e terrenas, como o da cura de doenças físicas e mentais.

Na verdade, à medida que a enunciação avança, a cenografia se intensifica, conforme podemos ver no recorte 2:

Recorte 2

“Foi preciso que eu passasse por uma operação de risco e ao todo, foram quarenta dias internada no hospital, passando mal, entre a vida e a morte e com chances do câncer voltar [...]”

Mais uma vez, o enunciador institucional se apaga para dar voz à fiel que detalha, ainda mais, a situação grave pela qual ela passava. Pode-se observar que houve uma gradação desde o recorte 1 até o 2, potencializando a cena validada de testemunho, pois é corriqueiro nesse tipo de discurso destacar a condição humilhante em que o fiel estava antes de ser agraciado por um milagre.

Além disso, o discurso vai sendo construído a partir de um tom de agravamento patológico, revelando uma imagem do enunciador que está seriamente

debilitado, à beira da morte, conforme depreendemos no enunciado “entre a vida e a morte e com chances do câncer voltar”.

Já no recorte 3, há um elemento chave nessa cenografia de testemunho.

Recorte 3

“[...] No leito de hospital, conheci a Igreja Mundial do Poder de Deus pelo programa de televisão e passei a orar e a clamar pela ajuda de Deus”.

Por meio da citação, tomando-o como verdadeiro, ocorre a cena validada de mudança de vida, isto é, o momento do testemunho neopentecostal em que os fiéis [...], descrevem o “antes” (miséria física, moral, econômica ou espiritual) e o “depois” (sucesso material, espiritual, emocional) (OLIVEIRA, 2010, p. 63). Assim, o enunciador, por meio de seu lugar de fala como crente, instaura definitivamente a cenografia de testemunho. Inclusive, o tom desse discurso também é modificado. Antes, era um tom de debilitação e de definhamento, agora, é um tom de renovação.

Por fim, há o recorte 4:

Recorte 4

De posse dos exames, Terezinha conclui. “Deus ouviu a minha oração. Eu saí do hospital viva, sem sequelas, curada de todos os males do câncer pela misericórdia de Jesus Cristo para comigo, através do trabalho desta obra. Agradeço muito a Deus e a este ministério”.

Nesse recorte, encerra-se a cena validada do testemunho. Percebemos que o enunciador utiliza os enunciados da fiel, no momento em que ela declara estar livre da doença, no caso, o câncer. Essa alteração positiva é recorrente nos discursos testemunhais neopentecostais, juntamente com a menção de Deus como responsável por isso.

Essa cenografia de testemunho propicia a manifestação do *ethos* discursivo, que dá uma corporalidade ao enunciador, cuja imagem discursiva é de alguém que passou por um processo de enfermidade grave, quase veio a óbito, mas foi

agraciado por um milagre de Deus e, finalmente, curado. Todavia, devemos observar que esse milagre da cura foi condicionado à IMPD, ou seja, é exclusivamente por dessa Instituição que se pode alcançar a restauração da saúde de forma milagrosa.

Isso pode ser notado, essencialmente, a partir do recorte 3. Nele, o nome da Instituição “Igreja Mundial do Poder de Deus” se encontra antes de “Deus”. No momento em que o enunciador enuncia em citação direta, os co-enunciadores são levados a crer que a IMPD sensibilizou a fiel, de modo que ela passou a recorrer e a temer a Deus, fornecendo à instituição uma importância significativa nesse processo de obtenção de cura. Aliás, isso se acentua ainda mais no recorte 4.

Diferentemente dos recortes anteriores, no início do recorte 4, o enunciador não se ausenta e emprega o discurso indireto, modalizando os enunciados da fiel por meio do verbo *dicendi* “conclui”, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Isso produz o efeito de sentido que a crente, por si só, deduziu que foi curada, não pela medicina, mas por Deus, por intermédio da IMPD, uma vez que existe a expressão nominal definida “este ministério”. Somado a isso, podemos também evidenciar que esse discurso é atravessado por outros, os quais corroboram para o estatuto de que apenas a IMPD proporciona o contato com Deus, que opera a cura.

Observamos a força da interdiscursividade, meio de códigos languageiros, tais como “medicina”, “câncer de papila”, “fígado”, “boca do estômago”, “intestino”, “operação”, “internada”, desde o recorte 1, que trazem à memória o discurso da medicina e que estão sujeitos às restrições semânticas próprias dessa formação discursiva.

A partir do recorte 3, surgem outros códigos languageiros próprios do discurso Neopentecostal, como “orar”, “clamar”, “Deus” e “Igreja Mundial do Poder de Deus”, e que também estão submetidos às restrições semânticas dessa formação discursiva.

No momento em que a enunciação progride, há uma tensão entre essas formações discursivas, de modo que a discurso religioso neopentecostal ressignifica os dizeres da medicina, subjugando-a, para confirmar o posicionamento da IMPD.

Em relação a esse aspecto do interdiscurso da medicina, devemos recorrer a Foucault. Na visão do filósofo francês, a medicina foi a primeira ciência que tratou a vida como objeto. Isso ocorreu na transição do século XIX para o XX, período no qual o olhar médico foi alterado, reorganizando o modo de enxergar as patologias, cujas origens estavam ligadas ao sobrenatural, ao metafísico, passando a ser pensado

[...] com relação à natureza, a doença era negativo indeterminável cujas causas, formas e manifestações só se ofereciam de viés e sobre um fundo sempre recuado; percebida com relação à morte, a doença se torna exaustivamente legível, aberta sem resíduos à dissecação soberana da linguagem e do olhar. Foi quando a morte se integrou epistemologicamente à experiência médica que a doença pode se desprender da contranatureza e tomar corpo no corpo vivo dos indivíduos (FOUCAULT, 2011, p. 216-217).

Ao concebê-la como algo palpável, passível de ser observada, dissecada, tratada e, por fim, curada, a Medicina ganha prestígio, ou seja, torna-se aquela ciência que trata do organismo, vencendo a morte e salvando vidas.

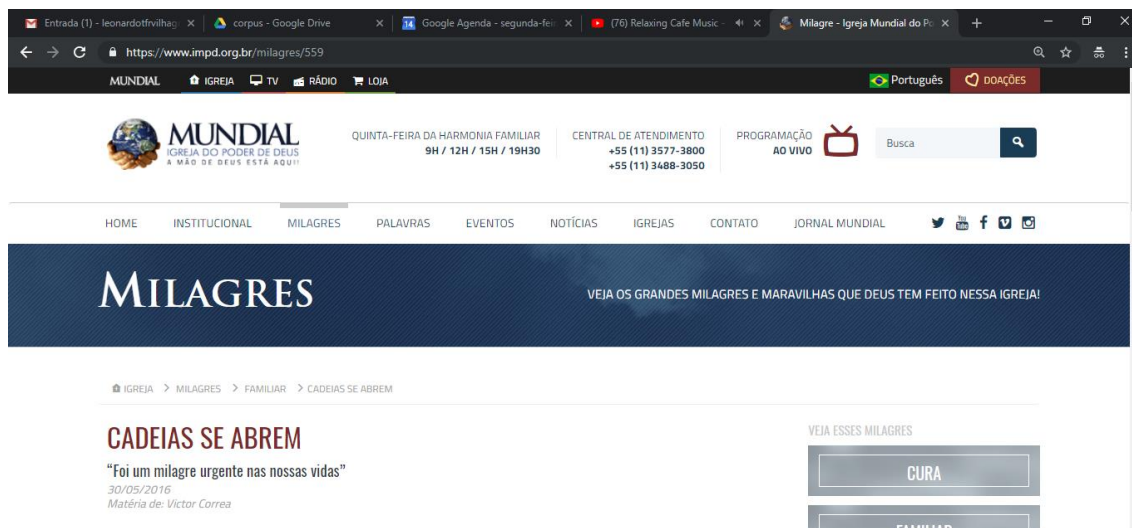
Todavia, no *corpus* em análise, há uma inversão disso. No relato 4, ocorre uma reconfiguração das restrições semânticas dos códigos linguageiros referentes ao discurso médico ("exames", "hospital", "sem sequelas", "males do câncer"), esvaziando seu teor científico e atribuindo-lhes um efeito de sentido adequado ao posicionamento da IMPD, cujo milagre da cura é uma graça divina.

Logo, o efeito de sentido engendrado pelo discurso testemunhal mediatizado da cura é o de que a fiel, só depois de entrar em contato com a IMPD, foi agraciada com um milagre que a curou integralmente.

4.3 DISCURSO TESTEMUNHAL MEDIATIZADO: FAMILIAR

O segundo discurso testemunhal midiaticizado, que analisamos, diz respeito à temática familiar, conforme a figura 6. Novamente, empregamos o recurso do *print screen*, em virtude do tamanho do *corpus* em relação à tela.

Figura 6 - *print screen* do testemunho midiaticizado familiar 1



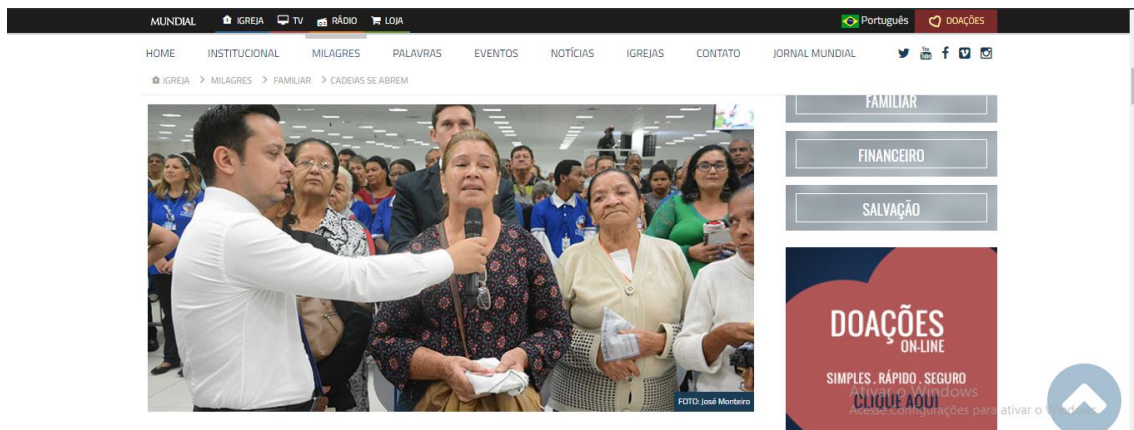
Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/559>.

A princípio, a cenografia se instala por meio de um enunciado com uma tipografia e cor diferenciadas, seguidas de uma citação direta e de *leads*, informando a data e a autoria da matéria. Relembrando as contribuições de Aranha & Silva (2017) e de Lage (1993), os co-enunciadores assumem um papel de leitores de uma notícia, uma vez que esses recursos são marcas desse gênero de discurso. Assim, a cena genérica se constitui como uma notícia, ao passo que a cena englobante é a do jornalismo.

De igual forma, o jornalista, autor dessa notícia, incumbiu-se da função de enunciadador; no entanto, quem se responsabiliza pelo discurso é a própria IMPD.

Sabendo disso, ao ativar a barra de rolagem para baixo, aparece a seguinte foto, conforme podemos ver na figura 7.

Figura 7 - *print screen* do testemunho midiaticizado familiar 2



Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/559>.

É importante destacar que, diferente de outros gêneros de discurso mais estabilizados, a cenografia pode variar de forma a se distanciar da cena genérica, como acontece no *corpus* em análise. Isso pode ser visto na imagem da figura anterior. Nela, existe um membro da IMPD (que tudo indica ser um pastor), segurando um microfone para uma crente, uma senhora emocionada, pois está com um lenço nas mãos e com os olhos lacrimosos. Em volta deles, há o público do culto, que presta atenção na cena. Tal estratégia imagética incute a uma cena validada, associada ao testemunho neopentecostal, uma vez que, segundo Oro (2001, p. 73) essa denominação do cristianismo possui “[...] ênfase em rituais emocionais”, promovendo uma identificação para com os co-enunciadores, os quais começam a se tornar participantes do culto.

Enquanto a enunciação progride, surgem outros recursos verbais do discurso em análise, que vão potencializar a cenografia de testemunho.

Figura 8 - *print screen* do testemunho midiaticado familiar 3

MUNDIAL IGREJA TV RÁDIO LOJA Português DOAÇÕES

HOME INSTITUCIONAL MILAGRES PALAVRAS EVENTOS NOTÍCIAS IGREJAS CONTATO JORNAL MUNDIAL

Confiante em Deus e na unção presente na campanha da manta consagrada em Israel, Alda de Oliveira, 65 anos, veio de Rondonópolis, Mato Grosso, até a Terça-Feira do Milagre Urgente. "Por causa de má companhias, meu filho, Frederico de Oliveira, 36 anos, foi preso há dois meses. Ele estava junto de outros rapazes, envolvidos em drogas e ele era inocente, mas estava entre eles e foi preso", conta. "Começamos a clamar a ajuda de Deus, porque ter um filho preso é uma humilhação muito grande, não é parte da educação que ensinamos, nem é o que esperamos para nossos filhos. Ele ainda é pai de três crianças, queremos a liberdade dele."

“Quando soube da toalha e da campanha da manta, decidi vir para encostar uma foto dele nela, porque sabia que seria o suficiente para Deus o libertar tanto da prisão quanto de outros males de sua vida”.

Alda chegou na terça-feira, 10 de Maio de 2016, com a foto e fez segundo sua fé. "Encostei a foto na terça-feira e, na quarta-feira no final da tarde, meu esposo me ligou para avisar que Frederico foi libertado. Foi um milagre urgente nas nossas vidas. O Poder de Deus está nesta obra", testifica.

MAIS MILAGRES

Hepatite C e drogas no passado
06/02/2019
Finco anos atrás, o resultado de um exame

"Ex-tetraplégica" volta a andar
05/02/2019
Unitar a exercer a profissão de professora à

Voto é pago ao sair da prisão
09/02/2019
Na cidade do interior do estado do Espírito

EVENTOS

Curitiba - Paraná
Concentração com Apóstolo Valdemiro Santiago
Sábado 23/02/2019 | Horário: 10h
Local: Rua João Bettge, 6011 - Cidade Industrial de Curitiba
Ative o Windows
Acesse Configurações para ativar o

São Tomé e Príncipe
Concentração com Apóstolo Valdemiro

Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/559>.

Com o intuito de procedimento analítico mais claro, vamos dividi-los em três recortes.

Recorte 1

Confiante em Deus e na unção presente na campanha da manta consagrada em Israel, Alda de Oliveira, 65 anos, veio de Rondonópolis, Mato Grosso, até a Terça-Feira do Milagre Urgente. "Por causa de má companhias, meu filho, Frederico de Oliveira, 36 anos, foi preso há dois meses. Ele estava junto de outros rapazes, envolvidos em drogas e ele era inocente, mas estava entre eles e foi preso", conta. "Começamos a clamar a ajuda de Deus, porque ter um filho preso é uma humilhação muito grande, não é parte da educação que ensinamos, nem é o que esperamos para nossos filhos. Ele ainda é pai de três crianças, queremos a liberdade dele."

Neste recorte, o enunciador utiliza as falas retextualizadas da fiel, com o intuito de apresentá-la, bem como descrever com detalhes o problema, envolvendo o filho dela. Mas vale frisar que o uso do discurso direto passa uma impressão de autonomia da voz da crente, isentando a instituição de qualquer interferência no relato. Aliás, a descrição está relacionada à cena validada do testemunho, uma vez que esse ato compõe o estereótipo neopentecostal.

De fato, a partir de mecanismos linguísticos, a cenografia vai sendo constituída a partir de um tom de desespero materno, fornecendo uma imagem de uma mãe aflita pela situação delicada do filho.

Recorte 2

"Quando soube da toalha e da campanha da manta, decidi vir para encostar uma foto dele nela, porque sabia que seria o suficiente para Deus o libertar tanto da prisão quanto de outros males de sua vida".

Já no recorte 2, o enunciador utiliza o discurso direto, a fim de evidenciar o momento em que a fiel vai em busca da IMPD, potencializando a cenografia de testemunho, visto que esse tipo de ação é recorrente, conforme Francisco (2011, p. 6) nos mostra: "Não é de repente que 'a bênção' acontece; para tanto, é preciso buscar os meios – as campanhas, as correntes, as sessões".

Devemos frisar também que o operador argumentativo explicativo no início do enunciado "**porque** sabia que seria o suficiente para Deus o libertar tanto da prisão quanto de outros males de sua vida", não só justifica a ida da fiel à campanha da toalha da manta abençoada, mas também proporciona à cenografia um tom de esperança, auxiliando na construção do *ethos* discursivo, referenciando-o como sujeito que está convicto de que haverá uma resolução da adversidade familiar.

Finalmente, há o recorte 3

Alda chegou na terça-feira, 10 de Maio de 2016, com a foto e fez segundo sua fé. "Encostei a foto na terça-feira e, na quarta-feira no final da tarde, meu esposo me ligou para avisar que Frederico foi liberto. Foi um milagre urgente nas nossas vidas. O Poder de Deus está nesta obra", testifica.

Nesse recorte, o enunciador, intercalando entre o discurso direto e o indireto da crente, encerra a cena validada de testemunho, a qual está ligada à apresentação do resultado da graça divina, evento típico no universo neopentecostal.

Inclusive, é interessante notar o emprego de outro operador argumentativo no enunciado "fez **segundo** a sua fé". Assim que o enunciador o emprega no

discurso indireto, ele enfatiza uma autonomia da decisão de procurar a IMPD por parte da fiel, isentando-se de uma possível influência. Percebemos, também, que o tom no início do discurso mudou completamente, indo em direção oposta. O que anteriormente era de desespero, agora se tornou de alívio. Desta forma, é atribuída ao enunciador uma imagem de alguém grato pela libertação do filho.

Assim, o desenrolar da cenografia de testemunho produz um *ethos* discursivo, que dá uma corporalidade do enunciador, cuja imagem discursiva é de uma mãe que vê seu filho acusado e detido por um crime e, após recorrer a Deus, tem sua família restaurada por meio de uma intervenção divina.

Todavia, é preciso salientar que a restauração familiar pelo Senhor apenas se concretizou, por mediação da IMPD, fato que pode ser visto no recorte 2. Nele, o enunciador emprega o discurso direto da crente, o qual contém o item lexical “suficiente”, associado a duas campanhas de fé da IMPD, a da toalha e da manta de Israel. A partir disso, houve o contato com Deus, proporcionando o milagre da restauração familiar.

É necessário observar também que esse discurso contém uma rede interdiscursiva que atua de modo significativo na enunciação. No discurso analisado, a interdiscursividade ocorre por meio da incorporação do interdiscurso bíblico e do jurídico pelo discurso religioso neopentecostal da IMPD.

As condições sócio-históricas e culturais de produção dos discursos da IMPD valorizam a vida terrena para depois considerarem a pós-terrena. Em virtude disso, as pregações e campanhas religiosas da instituição possuem um direcionamento para temáticas mais concretas e imediatas, como a questão da união e estabilidade familiar.

Ainda que saibamos que o conceito de família é multifacetado, o discurso religioso neopentecostal da IMPD utiliza o livro de Gênesis como base para definir o seu modelo familiar - no caso, a partir do binômio homem x mulher, bem como seus descendentes.

Todavia, não é uma família desunida, infeliz e fracassada, mas unida, feliz e vencedora. Nesse viés, podemos observar um atravessamento do interdiscurso bíblico e o discurso religioso neopentecostal em que o código linguageiro nele materializado, mostra uma tensão, como, por exemplo, no enunciado “ter um filho preso é uma humilhação muito grande”.

Devemos salientar também a presença do interdiscurso jurídico, que é marcado pela autoridade, poder e imposição, controlando e regulando a sociedade por meio de um conjunto de leis e códigos. Aliás, os seus códigos linguageiros permeiam os recortes 1, 2 e 3, a exemplo de “foi preso”, “liberdade” e “prisão”.

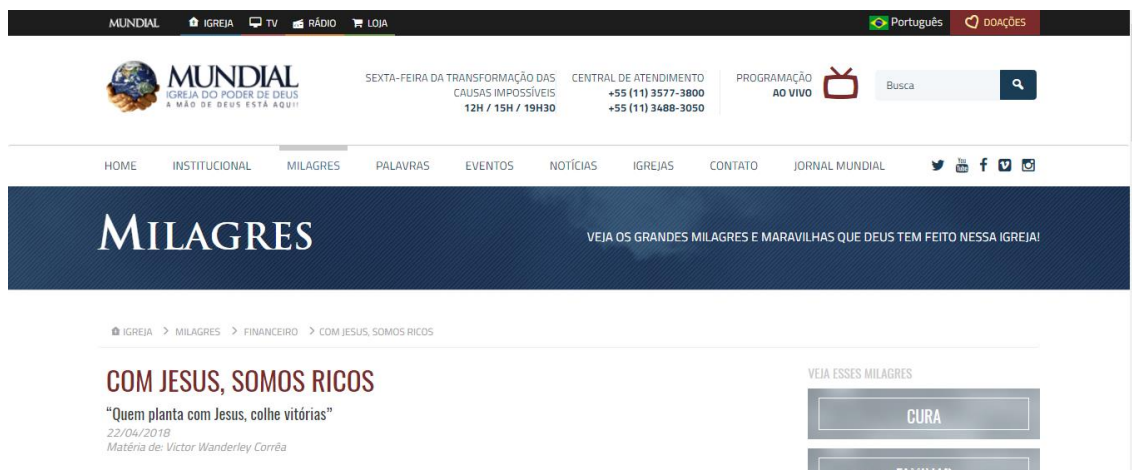
No entanto, notamos que há uma suplementação do campo jurídico em relação ao religioso, de modo que esse incorpora e ressignifica as restrições semânticas daquele, resultando em uma alteração de poder, isto é, ainda que exista a lei dos homens - inclusive, essa é falha, pois, segundo a crença, seu filho era inocente -, a lei de Deus se mostra como mais forte e não deixa os integrantes das famílias da IMPD sofrerem injustiças.

Assim, o efeito de sentido produzido no discurso analisado é de que o milagre da reparação da família dado por Deus ocorreu não por interdição de outras instituições, mas somente pelas ações da IMPD.

4.4 DISCURSO TESTEMUNHAL MIDIATIZADO: FINANCEIRO

O terceiro discurso testemunhal midiaticado que analisamos pertence à temática ligada ao financeiro. Por causa da restrição da tela e da extensão do desse discurso, vamos dividi-lo em três partes, as quais foram capturadas pelo recurso do *print screen*.

Figura 9 - *print screen* do testemunho midiaticado do financeiro 1



Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/3952>.

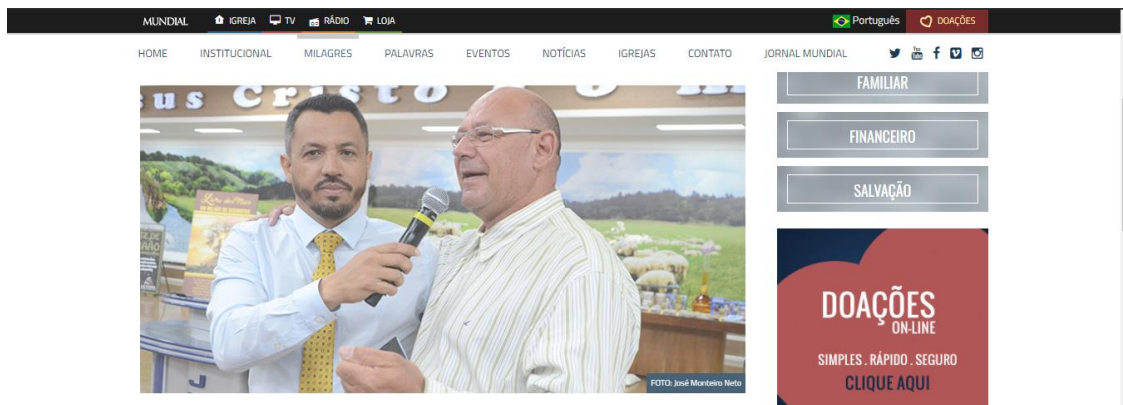
A figura 9 evidencia a primeira parte do discurso. Nela, a cenografia apresenta um enunciado em caixa alta e com uma coloração em vermelho, destacando-se do restante da cena. Em seguida, há uma citação direta com informações sobre a data e o jornalista responsável pelo texto.

De maneira similar ao *corpus* anterior, os co-enunciadores se deparam com o gênero de discurso notícia. Em virtude disso, a cena genérica corresponderia a esse gênero de discurso, sendo que a cena englobante é a jornalista, formando, assim, o quadro cênico.

Logo, o estatuto dos co-enunciadores é previamente de leitores de jornal, enquanto o jornalista que fez matéria assume o papel de enunciador, mas, como ele está em função do periódico, quem acaba incumbido da responsabilidade pela enunciação é a própria IMPD.

Levando isso em consideração, progredimos com a barra de rolagem e encontramos a seguinte foto.

Figura 10 - *print screen* do testemunho midiaticado do financeiro 2



Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/3952>.

Neste momento, constitui-se uma cenografia que foge do modelo proposto pela cena genérica, encenando um testemunho em vez de uma matéria jornalística. Isso ocorre, porque a foto publicada se associa à cena validada típica dos discursos testemunhais neopentecostais. Nessa foto da figura 10, há o pastor, cuja vestimenta é formada por uma camisa social e gravata, bem característico dos pastores dessa denominação religiosa, além de segurar um microfone que é direcionado ao crente que, com um semblante de felicidade, narra um milagre recebido.

Ao fundo, vemos o púlpito de uma Igreja da IMPD, ornado com elementos decorativos próprios singulares, como um letreiro com a palavra “cristo” e uma gravura de um pasto verdejante com ovelhas, símbolos recorrentes nesse contexto. Por causa disso, o estatuto dos co-enunciadores passa gradativamente de leitores para participantes de um culto da Mundial.

Após essa foto, a enunciação progride, revelando os recursos linguístico-discursivos do discurso em análise, como podemos ver na figura 11.

Figura 11 - *print screen* do testemunho midiaticado do financeiro 3

MUNDIAL IGREJA TV RÁDIO LOJA Português DOAÇÕES

HOME INSTITUCIONAL MILAGRES PALAVRAS EVENTOS NOTÍCIAS IGREJAS CONTATO JORNAL MUNDIAL

"Eu já passei muita luta e dificuldade, passei fome com meus filhos, parecia que nunca ia conseguir ter o que dar a eles", conta Edgar Dias, 56 anos, morador de Patrocínio, Minas Gerais. "no fim do ano, o povo ao nosso redor comemorava com churrascos e eu buscava mangas no mato para dar o que comer aos meus filhos. Eu era endividado e vivia com cobranças na porta da minha casa, era muita humilhação".

“ Segundo Edgar, Deus é quem trouxe mudança. "comecei a ir para a igreja com minha esposa e, certo dia, o pastor pediu à igreja uma oferta para ajudar e Deus tocou no meu coração e no de minha esposa, demos juntos o triplo do valor que ele pediu. Plantamos e Deus nos deu a bênção.

Em poucos dias, o Senhor nos deu condições para pagar as dívidas, nos deu uma casa, um carro, uma loja de roupas e enxovais. Quem planta com Jesus, colhe vitórias. Posso dizer que sou rico nas mãos de Jesus".

MAIS MILAGRES

Hepatite C e drogas no passado
06/02/2019

"Ex-tetraplégica" volta a andar
05/02/2019

Voto é pago ao sair da prisão
09/02/2019

EVENTOS

Curitiba - Paraná
Concentração com Apóstolo Valdemiro Santiago
Sábado 23/02/2019 | Horário: 10h
Local: Rua João Bettega, 6011 - Cidade Industrial de Curitiba

Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/3952>.

Com o intuito de explorar mais detalhadamente o material linguístico desse discurso, vamos aplicar recortes.

Recorte 1

“Eu já passei muita luta e dificuldade, passei fome com meus filhos, parecia que nunca ia conseguir ter o que dar a eles”, conta Edgar Dias, 56 anos, morador de Patrocínio, Minas Gerais. “no fim do ano, o povo ao nosso redor comemorava com churrascos e eu buscava mangas no mato para dar o que comer aos meus filhos. Eu era endividado e vivia com cobranças na porta da minha casa, era muita humilhação”.

No recorte 1, o enunciador se apropria do discurso direto, uma vez que aparece o recurso gráfico das aspas, para, estrategicamente, se apagar na enunciação. Isso simula uma não interferência da instituição, como se o fiel estivesse falando por si só. Além disso, ocorre em seu relato o destacamento do período de pobreza que ele e sua família passavam. Essa cenografia dá pistas para a memorização de uma cena validada do testemunho, pois é um comportamento referente ao contexto neopentecostal cristalizado na sociedade.

A partir dessa cenografia, surge um tom de pobreza, que ajuda a construir uma imagem do enunciador como um sujeito que se encontra, junto com sua família, em um estado de miséria econômica.

Recorte 2

Segundo Edgar, Deus é quem trouxe mudança. “comecei a ir para a igreja com minha esposa e, certo dia, o pastor pediu à igreja uma oferta para ajudar e Deus tocou no meu coração e no de minha esposa, demos juntos o triplo do valor que ele pediu. Plantamos e Deus nos deu a bênção”.

No recorte 2, o enunciador retoma a narrativa do fiel. Destaque para o operador argumentativo “segundo”, o qual reforça que os enunciados ali utilizados são do fiel, e não da IMPD. Depois disso, há um discurso direto, cuja função é detalhar o momento de melhora do crente, fato que representa a cena validada de testemunho.

Por causa disso, o tom associado a essa encenação é o de confiança, gerando uma imagem do enunciador como um sujeito que passou a frequentar a IMPD, tendo expectativa de que a situação, em que estava, melhoraria.

Observemos o recorte 3.

Recorte 3

“Em poucos dias, o Senhor nos deu condições para pagar as dívidas, nos deu uma casa, um carro, uma loja de roupas e enxovais. Quem planta com Jesus, colhe vitórias. Posso dizer que sou rico nas mãos de Jesus”.

O recorte 3 fecha a cenografia do discurso testemunhal em análise. O enunciador, estrategicamente, ainda apagado na enunciação, serve-se da citação direta dos enunciados do fiel, revelando os frutos da intervenção divina ocorrida em sua vida, fato que representa a cena validada de testemunho.

O tom de fortuna evidenciado no enunciado “o Senhor nos deu condições para pagar as dívidas, nos deu uma casa, um carro, uma loja de roupas e enxovais” permite aos co-enunciadores formar uma imagem do enunciador de um sujeito rico.

Assim, a cenografia de testemunho proporciona a constituição de um *ethos* discursivo, que estabelece uma corporalidade ao enunciador, cuja imagem discursiva é de um sujeito que, no passado, tinha uma vida miserável

economicamente e que, após aceitar Deus em sua vida, passou a ficar abastado e rico milagrosamente. Devemos considerar alguns itens lexicais materializados nesse discurso.

No recorte 2, o enunciador, utilizando o enunciado do crente, afirma que a mudança de vida se deve a Deus. Contudo essa alteração de estilo de vida vem acompanhada do enunciado “comecei a ir para a igreja com a minha esposa”, ou seja, o item lexical “igreja” direciona a mudança de vida proporcionada por Deus e mediada exclusivamente pela IMPD.

É necessário também evidenciar o atravessamento do interdiscurso bíblico e do econômico no funcionamento do discurso em análise, formando uma rede, que influencia na produção de efeitos de sentido. Mas, antes disso, devemos recobrar algumas características, que expusemos no capítulo I desta Dissertação.

Na visão de Mariano (2010), uma das particularidades do neopentecostalismo é a adoção da Teologia da Prosperidade como eixo doutrinário, tornando possível a “[...] acomodação de várias denominações pentecostais aos valores e interesses mundanos das sociedades capitalistas” (MARIANO, 2010, p. 28).

Para tal, o discurso religioso neopentecostal, a partir de seus próprios posicionamentos, utiliza o interdiscurso bíblico, com o intuito de sustentar as suas práticas discursivas, trazendo novos efeitos de sentido ao texto fundador. Isso fica evidente, por exemplo, no enunciado do recorte 3 “Quem planta com Jesus, colhe vitórias”. Tendo como base a parábola do semeador, produzida por Mateus, o discurso religioso neopentecostal transforma os sentidos materializados na organização desse gênero de discurso - parábola - e condiciona-os para um efeito de sentido materialista e voltado para o plano terreno.

Além disso, há também o atravessamento do interdiscurso econômico, cuja manifestação se dá por meio de códigos languageiros que circulam nos recortes 1, 2 e 3, como “dificuldade”, “endividado”, “triplo do valor”, “rico”. Assim, na cenografia, estes códigos languageiros são incorporados ao

neopentecostalismo, de modo a valorizar a prosperidade financeira, esvaziando os possíveis efeitos de sentido ligados à condenação do acúmulo de riquezas.

Como nos lembra Mariano (2010, p. 38)

O crente que almeja receber grandes bênçãos de Deus precisa ser radical na demonstração de sua fé. Deve fazer doações que do ponto de vista do "homem natural" e do cálculo racional seriam loucura. Precisa dispor de coragem. Deve assumir riscos, doando à igreja algo valioso como salário, carro, casa, poupança, herança, jóias, caminhão etc., com a certeza de que reaverá, multiplicado, o que ofertou. Não pode guardar qualquer resquício de dúvida quanto ao retorno de sua fé, já que, como admoestam os pastores, "a dúvida é do Diabo".

Aliás, isso ocorre no recorte 2, quando o enunciador cita a fala do fiel “demos juntos o triplo do valor que ele pediu”. Por causa disso, o crente consegue sair da condição miserável que se encontrava com a ajuda de Deus e mediação pela IMPD. Portanto, o efeito de sentido gerado no discurso testemunhal mediatizado da temática do financeiro é que o fiel recebeu o milagre do Senhor, mas esse ocorreu exclusivamente por mediação da IMPD.

4.5 DISCURSO TESTEMUNHAL MEDIATIZADO: SALVAÇÃO

O último discurso do *corpus* que constituímos para esta Dissertação é o que está no subtópico denominado salvação. Mais uma vez, usamos o recurso do *print screen*, com o intuito de registrar e expor o objeto de análise. Aliás, por causa da sua extensão, optamos por dividi-lo em três recortes.

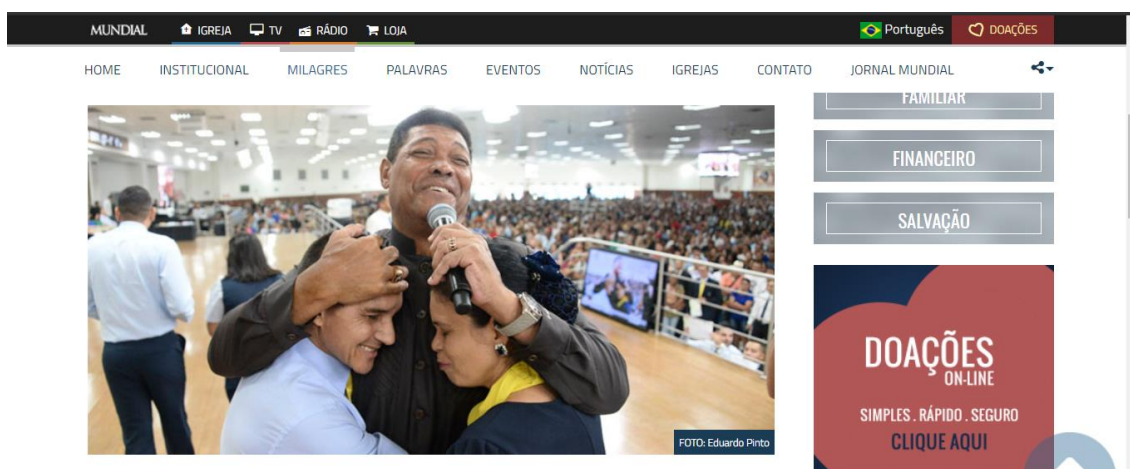
Figura 12 - *print screen* do testemunho mediatizado da salvação 1

The screenshot shows the website interface for 'MUNDIAL IGREJA DO PODER DE DEUS'. At the top, there is a navigation bar with links for 'MUNDIAL', 'IGREJA', 'TV', 'RÁDIO', and 'LOJA'. A language selector is set to 'Português' and there is a 'DOAÇÕES' button. The main header includes the church's logo and name, along with contact information for a 'CENTRAL DE ATENDIMENTO' and a 'PROGRAMAÇÃO AO VIVO' section. Below the header is a horizontal menu with categories like 'HOME', 'INSTITUCIONAL', 'MILAGRES', 'PALAVRAS', 'EVENTOS', 'NOTÍCIAS', 'IGREJAS', 'CONTATO', and 'JORNAL MUNDIAL'. The main content area features a large blue banner with the word 'MILAGRES' and the subtitle 'VEJA OS GRANDES MILAGRES E MARAVILHAS QUE DEUS TEM FEITO NESSA IGREJA!'. Below this, a testimonial is presented with the title 'O AMOR DE DEUS RECEBE A TODOS' and the quote: 'Hoje não quero morrer, quero viver para, através de mim, ser um canal de bênção para outras pessoas'. The date '22/03/2018' and the author 'Matéria de: Victor Wanderley Corrêa' are also visible. On the right side, there are buttons for 'CURA' and 'FAMILIA'.

Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/3707>.

De início, encontramos, na cenografia, um enunciado escrito em caixa alta e de cor avermelhada, com uma citação e dados acerca da data e o jornalista responsável pela matéria. Aliás, repete-se a estrutura da cena genérica da notícia, bem como a cena englobante do discurso jornalístico. Todavia, como veremos a seguir, na figura, a cenografia acaba se distanciando do quadro cênico.

Figura 13 - *print screen* do testemunho midiaticado da salvação 2



Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/3707>.

Centralizado, na cena, podemos notar o próprio Valdemiro Santiago abraçando um casal de fiéis, acolhendo-os junto ao seu peito. Por sua vez, no fundo, há o público que vê tudo que se passa no altar de uma das igrejas da IMPD. Na parte esquerda da imagem, tudo leva a crer que são obreiros da instituição.

Podemos notar que existe uma feição de choro por parte do casal de crentes, enquanto o líder da IMPD se encontra feliz. Toda essa encenação se apoia no estereótipo neopentecostal do testemunho, possibilitando aos co-enunciadores uma identificação, pois passam a se tornar espectadores de um culto.

À medida que a enunciação progride, a cenografia de testemunho encontra respaldo no contexto linguístico-discursivo, conforme vemos na figura a seguir.

Figura 14 - *print screen* do testemunho midiaticado da salvação 3

MUNDIAL IGREJA TV RÁDIO LOJA Português DOAÇÕES

HOME INSTITUCIONAL MILAGRES PALAVRAS EVENTOS NOTÍCIAS IGREJAS CONTATO JORNAL MUNDIAL

"Usei drogas dos 16 aos 46 anos de idade, 30 anos nas drogas, depois fui desenganado pela medicina por danos cerebrais de uso prolongado de entorpecentes", explica Valdemir dos Passos, de 47 anos. "Por causa dos meus familiares, recebi um atestado no qual eles provaram judicialmente que eu fiquei maluco de tantas drogas que eu usava, tudo para conseguirem me internar em uma clínica na qual eu nunca mais saísse, para se livrarem judicialmente de mim".

“ Segundo Valdemiro, parte da sua tristeza vinha da própria família. "Eu queria sair das drogas e não conseguia. Eu ia nas casas de familiares para pedir comida e ajuda, alguns deles tem restaurante e me negavam o prato de comida. Eles me tiveram por maluco para se livrar de mim. Eu não tinha ninguém, era desabrigado, completamente abandonado. Parei diversas vezes no hospital desenganado, quase morto, de tanta agressão que eu sofri na rua.

Tentei me matar várias vezes, porque minha própria família disse que eu me matasse porque era melhor do que fazer a família passar vergonha. Coloquei uma corda no meu pescoço, tenho marcas de tentar me suicidar. Cortava pulso, me jogava diante de caminhão, mas hoje não quero morrer, quero viver para, através de mim, ser um canal de bênção para outras pessoas.

Ouvi na clínica em que me internaram sobre a Igreja Mundial do Poder de Deus, sai e vim a pé até a igreja, até São Paulo. Só precisei entrar e ouvir a pregação da palavra de Deus e fui liberto, nunca mais bati na porta da casa de ninguém para buscar comida. Fui liberto, curado, Deus me deu esposa, emprego, vida nova através desta obra. Ela é tudo na minha vida."

MAIS MILAGRES

EVENTOS

Curitiba - Paraná
Concentração com Apóstolo Valdemiro Santiago

Sábado 23/02/2019 | Horário: 10h
Local: Rua João Bettega, 6011 - Cidade Industrial de Curitiba

Fonte: <https://www.impd.org.br/milagres/3707>.

Para analisar os enunciados escritos, lançamos mãos de recortes dele, a começar pelo recorte 1:

Recorte 1

"Usei drogas dos 16 aos 46 anos de idade, 30 anos nas drogas, depois fui desenganado pela medicina por danos cerebrais de uso prolongado de entorpecentes", explica Valdemir dos Passos, de 47 anos. "Por causa dos meus familiares, recebi um atestado no qual eles provaram judicialmente que eu fiquei maluco de tantas drogas que eu usava, tudo para conseguirem me internar em uma clínica na qual eu nunca mais saísse, para se livrarem judicialmente de mim".

Em primeiro lugar, podemos notar que o enunciador alterna o discurso direto e o indireto, a fim de relatar as várias adversidades ocorridas com o fiel. Aliás, vale destacar que, entre os discursos diretos, há um discurso indireto em que o enunciador o começa com um verbo *dicendi* "explica", na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, reforçando o sentido de explicação do fiel aos co-enunciadores.

Desta forma, o relato de problemas, envolvendo dependência química, contravenções e abandono familiar, ocorridos antes da conversão ao Cristianismo faz parte de uma cena validada típica do pentecostalismo de Terceira Onda, ajudando a formar a cenografia de testemunho. Aliás, com base

nessa última, evidencia-se um tom de infortúnio que engendra uma imagem do enunciador como um sujeito que sofre de inúmeras desgraças.

Recorte 2

“Tentei me matar várias vezes, porque minha própria família disse que eu me matasse porque era melhor do que fazer a família passar vergonha. Coloquei uma corda no meu pescoço, tenho marcas de tentar me suicidar. Cortava pulso, me jogava diante de caminhão”

No recorte 2, o enunciador continua a usar o discurso direto por meio da citação dos enunciados do crente. Diferente do recorte anterior, esse possui uma intensidade ainda maior, principalmente, ao tratar sobre a marginalização do crente, devido aos inúmeros problemas narrados no recorte 1, fortalecendo a cena validada ligada à cenografia de testemunho.

Aliás, vale resgatar as contribuições feitas por Mariano (2010) sobre o perfil socioeconômico dos neopentecostais, cuja maioria são pessoas mais humildes, inclusive, mais pobres.

No que diz respeito ao tom desse discurso, percebemos que ele está relacionado ao de angústia, construindo uma imagem do enunciador como um sujeito condenado a sofrer uma vida de tragédias. Todavia, isso muda no recorte 3.

Recorte 3

“[...] mas hoje não quero morrer, quero viver para, através de mim, ser um canal de bênção para outras pessoas”.

Nesse excerto, o enunciador evidencia a mudança substancial de estilo de vida, ao citar os enunciados do fiel. A presença do operador argumentativo “mas” no início do enunciado indica que as lóstimas e mazelas são deixadas para trás. Esse tipo de virada é peculiar nos discursos testemunhais neopentecostais, uma vez que o “contraste temporal ontem-hoje é usado em

todos os textos, pois ressalta as mudanças e “hoje” possui os ganhos e benefícios prometidos como recompensa” (OLIVEIRA, 2010, p. 74).

Em virtude disso, a cenografia de testemunho se consolida de vez, bem como desenvolve um tom de reparação, dando ao enunciador uma imagem de um sujeito que começa a se renovar espiritualmente.

Por fim, há o recorte 4:

“Ouvi na clínica em que me internaram sobre a Igreja Mundial do Poder de Deus, saí e vim a pé até a igreja, até São Paulo. Só precisei entrar e ouvir a pregação da palavra de Deus e fui liberto, nunca mais bati na porta da casa de ninguém para buscar comida. Fui liberto, curado, Deus me deu esposa, emprego, vida nova através desta obra. Ela é tudo na minha vida”.

Nesse recorte, o enunciador continua ausente e empregando o discurso direto, contendo a narração do fiel e os desdobramentos ocorridos pela decisão de se converter a Deus. Aqui, notamos que o discurso emana um tom de renovação, concedendo uma imagem ao enunciador como um sujeito que abandonou totalmente as inúmeras dificuldades e infortúnios.

Logo, a cenografia de testemunho leva os co-enunciadores a constituir um *ethos* discursivo que corporifica uma imagem do que comumente é denominado no meio neopentecostal de “nova criatura”, deixando a vida de condenado para trás e renascendo em Cristo.

Além disso, devemos levar em consideração também a intensa rede discursiva presente nesse discurso, que, junto da cenografia e do *ethos* discursivo, mostram-se decisivas na produção de efeitos sentido. Para isso, devemos lembrar algumas considerações feitas sobre as condições sócio-históricas e culturais de produção de discursos da IMPD, conforme apresentamos no capítulo I desta Dissertação.

O Cristianismo, desde o seu início, profere que a vida terrena é finita e que os seres humanos não foram criados para se limitar a ela, mas viver abençoados eternamente com o Pai. No entanto, como nos mostraram Freston (1994) e

Mariano (2010), o neopentecostalismo, a fim de se acomodar ao mundo contemporâneo, irrompem com a ideia de sofrimento terreno, ou seja, os crentes não devem se resignar com as dores e aflições vividas no aqui e agora, eles podem ter as dádivas divinas enquanto estiverem no plano terreno.

Só que o elemento-chave para o acesso às promessas divinas é a conversão, reconhecer Deus como todo poderoso, único no universo e que, com amor misericordioso, enviou seu único filho, Jesus Cristo, à cruz, para livrar os seres humanos do pecado e serem levados aos céus, isto é, serem salvos.

A conversão conduz à salvação, a qual é o ápice e princípio fundamental do Cristianismo. Por conta disso, o discurso que possui essa temática, diferente dos outros anteriores, é o mais intenso tanto de carga dramática, quanto de recompensas, sendo que isso se reflete na tensão interdiscursiva entre os vários discursos que atravessam o discurso analisado.

Em primeiro lugar, devemos abordar a relação entre o interdiscurso bíblico e o discurso religioso neopentecostal. Conforme Nascimento (1993) nos lembra, o discurso religioso é atravessado pelo interdiscurso bíblico, ou seja, esse serve como fonte para aquele fundamentar as práticas discursivas, sendo que essa fonte o legitima.

Assim, o discurso religioso neopentecostal da IMPD usa a concepção de salvação presente no interdiscurso bíblico e o ressignifica de acordo com os posicionamentos doutrinários assumidos pela instituição, isto é, segundo a

[...] doutrina que concebe a salvação como domínio do aqui (espaço) e do agora (tempo), em contraponto, por assim dizer, com a ideia utópica de promessa de felicidade na eternidade (tempo), em outro mundo (espaço), conforme pregam o catolicismo e o protestantismo histórico (ARAÚJO, 2007, p. 155).

Essa concorrência entre o interdiscurso bíblico e o discurso religioso perpassa todos os recortes desse discurso em análise. No entanto, isso fica ainda mais evidente no recorte 4, a partir do enunciado “vida nova através desta obra”. Os itens lexicais “vida nova”, recupera parte do versículo de 2 Coríntios (“nova criatura”), com uma alteração no efeito de sentido, ou seja, o novo convertido

da IMPD deixa sua vida de pecado, torna-se ungido pelo Senhor, tem a sua alma salva para eternidade e passa a desfrutar dos benefícios de tal decisão imediatamente.

Tendo como base isso, é que o interdiscurso jurídico, econômico e da medicina atuam. Ao longo dos recortes, surgem os códigos languageiros respectivos de cada um dos campos, como, por exemplo “provam judicialmente”, “liberto” referente ao campo jurídico, “emprego” referente ao campo econômico, “danos cerebrais”, “curado” referente ao campo da medicina. Entretanto, no momento da conversão e do fiel se tornar membro da IMPD, as restrições semânticas desses campos são modificadas e acabam submetidas ao discurso religioso neopentecostal, alinhando-os de acordo com os posicionamentos da instituição.

Além disso, outro aspecto importante é a presença de itens lexicais no recorte 4 que marcam especificidades da IMPD, conforme se vê no enunciado: “Ouvi na clínica em que me internaram sobre a Igreja Mundial do Poder de Deus, saí e vim a pé até a igreja, até São Paulo. Só precisei entrar e ouvir a pregação da palavra de Deus”.

Como aconteceu no discurso testemunhal midiático da cura, o nome “Igreja Mundial do Poder de Deus” se encontra antes do que “Deus”. Essa estrutura induz os co-enunciadores a crer que a IMPD leva a Deus, que encerra o ciclo de infortúnios. Em conjunto com isso, há o item lexical “Só”, indicando restrição, ou seja, basta ir a uma filial dessa igreja que a salvação é obtida.

Logo, ao analisar o discurso testemunhal midiático da salvação, notamos que, durante a enunciação, a cenografia de testemunho se implanta, estabelecendo uma corporalidade do enunciador, sendo a imagem que se constituiu é de um sujeito que, antes estava em profunda desgraça, quase se suicidou, mas, no fim, acabou encontrando a salvação. Aliás, a rede interdiscursiva empreende um papel significativo nisso, na medida em que reforça o poder que o discurso religioso neopentecostal exerce sobre os campos jurídicos, financeiro e o da medicina.

Portanto, o efeito de sentido produzido pelos enunciados do discurso testemunhal mediatizado da salvação é de que o milagre do livramento de todos os pecados e a garantia de redenção da alma por Deus ocorrem especificamente por intermédio da IMPD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação se propôs a estudar discursos testemunhais da IMPD e as relações entre Religião e mídia, a partir da Análise do Discurso de linha francesa, principalmente, tendo em vista a perspectiva enunciativo-discursiva de Dominique Maingueneau. Para isso, elegemos como objeto de análise os testemunhos publicados no site da Igreja Mundial do Poder de Deus. A escolha de nosso tema se deve, primeiramente, à importância da IMPD no cenário religioso brasileiro e mundial, possuindo várias filiais, além do fato de que seus discursos testemunhais circulam fora do culto, isto é, em um meio digital, midiaticizado, mostrando-se um fenômeno incomum no meio neopentecostal.

Levando isso em consideração, procuramos investigar quais são os efeitos de sentido presentes em discursos testemunhais midiaticizados disponibilizados no endereço eletrônico da IMPD, tendo em vista um contexto de disputa institucional. Nesse viés, procuramos descrever as condições sócio-históricas e culturais de produção desses discursos, uma vez que elas influenciam a enunciação e os interlocutores que participam dela. Assim, utilizamos as contribuições das Ciências da Religião acerca dos conceitos, que envolvem as Religiões tradicionais e pós-tradicionais, bem como o Neopentecostalismo, inclusive, em virtude de essa perspectiva teológica se apropriar consideravelmente dos recursos tecnológicos comunicacionais, empregamos também os estudos sobre Mídia.

Logo, a partir da análise do *corpus*, aplicando as categorias de cenografia, de *ethos* discursivo e de interdiscurso, constatamos que, em vez de glorificar a Deus por meio de um relato de uma pessoa agraciada por um evento sobrenatural, essas novas práticas discursivas acabam promovendo um marketing da IMPD frente às demais igrejas por meio do milagre.

Isso se dá, pois, conforme vimos no capítulo I, existe uma intensa pluralidade religiosa na contemporaneidade, promovendo a coexistência das Religiões Tradicionais e Pós-Tradicionais. Além disso, diferentemente do que ocorria em séculos anteriores, o laço institucional da igreja para com os seus membros se

fragmentou, proporcionando o trânsito religioso, ou seja, a constante migração dos crentes entre as mais diversas denominações.

Aliado a isso, há também as mudanças doutrinárias ocorridas com o surgimento do Neopentecostalismo brasileiro. Tratado como pentecostalismo de Terceira Onda, essa perspectiva do Cristianismo preservou aspectos ligados ao Pentecostalismo Clássico, como a valorização da confissão e a conversão a Deus, os dons do Espírito Santo, o discurso escatológico e a guerra contra o Satanás, mas alterou outros, como a neutralização do ascetismo (negação dos prazeres terrenos), a negação do martírio e do autosacrifício dos cristãos e o enaltecimento dos bens materiais por meio da Teologia da Prosperidade.

É necessário destacar também que a IMPD e as outras igrejas neopentecostais, no geral, assimilaram e incorporaram consideravelmente os meios de comunicação modernos não só como forma de difusão da Boa Nova, mas também acabaram adaptando suas práticas religiosas àqueles. Inclusive, esse fato que nos levou a estudar os discursos testemunhais midiáticos.

Assim, durante nosso percurso de análise, notamos que, a todo momento, a IMPD utilizou uma extensa gama de mecanismos de edição voltados à constituição dos discursos testemunhais. Isso ficou evidente, desde sua coleta, até a disponibilização deles em um *link* no endereço eletrônico da Instituição.

Conforme vimos no capítulo III, os discursos testemunhais são desritualizados, pois são retirados dos rituais realizados nos cultos das filiais da IMPD, ou seja, há uma equipe da igreja, que registra a fala do fiel que está narrando, fotografa-o, passa por um processo de retextualização e, por fim, é enviado para o *site* em um tópico específico chamado “Milagres”, passando, desta forma, do espaço religioso ao espaço midiático.

Do nível discursivo, essa passagem do oral para o digital, do sacro para o da mídia traz mudanças significativas, uma vez que o *mídiu*m altera o modo de enunciação, as funções dos co-enunciadores e, principalmente, os efeitos de sentido. A primeira alteração que destacamos é que, ao publicarem os

discursos testemunhais no meio digital, o alcance de divulgação é global e não fica atrelado apenas a um período de tempo (no caso, o horário do culto). Possuindo acesso à internet, o fiel ou um possível membro pode acessar esses discursos sem problema algum.

Outro fator importante que deve ser frisado diz respeito aos recursos semióticos proporcionados pelo *mídiuim site*. Ou seja, nele, pode-se usar fotos, animações, áudios e até mesmo cores, negritos e uma tipografia diferenciada na linguagem verbal. Esses artifícios auxiliam a estratégia fundamental ligada à divulgação institucional presente nos discursos testemunhais midiáticos, que evidencia a IMPD, proporcionando-lhe uma confiabilidade em relação a quem acessa o site. Ou seja, os discursos testemunhais midiáticos são construídos, de modo que a Mundial não apareça como responsável pela autopromoção.

O primeiro indício desse fato se encontra no padrão estrutural de cada discurso que compõe o *corpus*. Todos possuem um quadro cênico associado ao jornal, sendo que a cena englobante é a do jornalismo e a cena genérica é a da notícia. No decorrer da análise, percebemos que eles começam com a manchete, alguns *leads* e uma citação do fiel. Ao baixar a barra de rolagem, vem a foto capturada no momento do culto e anexada ao processo de edição e, por fim, citações de parte do relato do fiel.

Ao evocar isso, a instituição se serve da credibilidade que esse espaço discursivo possui, em virtude do tratamento imparcial e neutro que a notícia dá ao fato, o qual é a narração do milagre alcançado pelo fiel, afastando, assim, a presença de intromissão da IMPD em relação ao conteúdo noticiado.

Todavia, no desenrolar da enunciação, o quadro cênico não se mantém, porque a cenografia não se limita à cena genérica, muito menos à cena englobante. Na verdade, começa-se a invocar uma cenografia de testemunho, principalmente, no momento em que as cenas validadas aparecem. Essas cenas validadas são compostas por um conjunto de estereótipos automatizados instalados na memória coletiva e que estão prontos para serem inseridos em novos contextos. No que diz respeito ao *corpus* analisado, as

cenar validadas de testemunho podem ser identificadas a partir de dois aspectos: as narrativas editadas dos fiéis e as imagens fotografadas no momento do culto.

Nas narrativas editadas, há um comportamento típico dos testemunhos neopentecostais: havia um problema grave que a pessoa vivenciava, contudo, ao buscar Deus, essa recebe um milagre divino, que a transforma totalmente para melhor, tornando-a, assim, uma nova criatura.

Já no aspecto da imagem, existe uma ação corriqueira nessa prática religiosa neopentecostal: a presença, no púlpito, do crente que foi presenteado com uma bênção de Deus junto com um membro da igreja (no geral, um pastor, ou até em alguns casos, o próprio apóstolo Valdemiro Santiago). Logo, tal dinâmica entre o quadro cênico e a cenografia, sendo que essa prevalece, promove uma troca de papéis dos co-enunciadores, que passam de leitores de jornal, para participantes de um culto da IMPD, ainda que no ambiente virtual.

Em consequência de cada cenografia, surge um *ethos* discursivo que desempenha uma função significativa no processo de adesão dos co-enunciadores. Nos discursos analisados, os indícios imagéticos e linguísticos evidenciam representações sociais as quais influenciam na construção da imagem do enunciatador.

Em todos os casos examinados, os fiadores se constituíram a partir de pessoas que enfrentavam intensas tribulações e, depois de terem entrado em contato com a IMPD, obtiveram um milagre de Deus em uma área específica de sua vida, aliás, essas áreas foram agrupadas de acordo com os eixos doutrinários e os valores ético-religiosos da organização.

Além disso, outro aspecto importante é o atravessamento de discursos de outros campos discursivos nos discursos testemunhais midiáticos, comprovando a presença da interdiscursividade. Durante a análise, notamos que cada discurso testemunhal midiático possui códigos linguageiros referentes a uma determinada formação discursiva. No da temática da cura, existe a FD da medicina; no familiar, há a FD do judiciário; no do financeiro, a

FD da economia. Já no da temática da salvação, existe a presença de todos os anteriores, o que mostra um percurso religioso finalizado.

Contudo, percebemos um aspecto marcante no diz respeito ao campo religioso e o bíblico. Em todos os discursos analisados, ambos estão presentes, mas o religioso materializado a partir da formação discursiva neopentecostal se sobressai, ou seja, a FD neopentecostal, utilizando o interdiscurso bíblico para fundamentar seus posicionamentos, incorpora os enunciados referentes à FD da medicina, do judiciário, do financeiro e da economia de modo a neutralizá-los. Em virtude disso, as resoluções dos problemas envolvendo cada temática são atribuídas à IMPD pois, somente por ela, pode-se ter acesso às dádivas de Deus.

Diante da análise dos discursos testemunhais midiáticos da IMPD, fica evidente que os efeitos de sentido produzidos são de que os milagres, cujos temas se relacionam aos 4 subtópicos dispostos no endereço eletrônico, são operados por Deus e só estão disponíveis exclusivamente por meio da IMPD, configurando-se, assim, como um marketing institucional.

Acreditamos, portanto, que esta Dissertação não só atingiu o seu objetivo, bem como contribuiu para aprofundar os estudos sobre Religião e Mídia, a partir da Análise do Discurso de linha francesa, nas perspectivas enunciativo-discursivas propostas por Maingueneau. Julgamos que nosso trabalho não esgota a discussão em questão, mas possibilita pesquisas futuras, como, por exemplo, se a divulgação institucional por meio do discurso testemunhal, ou de outras práticas religiosas midiáticas, também ocorrem em outras igrejas neopentecostais, em outras denominações cristãs e até em outras religiões.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, D. S.; MELO, M. S. S. Analisando o discurso religioso midiaticizado no programa DE FRENTE COM GABI: um contraste entre os discursos do Padre Fábio de Melo e do Pastor Silas Malafaia. In: MELO, Mônica Santos de Souza. (Org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. 1ed. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do discurso, 2017, v., p. 15-217.
- ARANHA, Simone Dália de Gusmão; MAROJA, M. J. C. S. As Marcas do 'Outro' no Gênero Notícia: uma análise discursiva. In: IV Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais - SINALGE, 2017, Campina Grande. **Anais do IV SINALGE**. Campina Grande: Realize, 2017. v. 1. p. 1-11.
- ARAÚJO, Marconi Martins de. A salvação é aqui e agora: o papel da cura entre os neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus. In: **Univ. FACE**, Brasília, v. 4, n. 1/2, p. 151-174, jan./dez. 2007.
- BAKHTIN, Mikail Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Do francês Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BARONAS, Roberto Leiser. Michel Pêcheux: Um pensamento sob o signo da inquietude. In: **Ensaio em Análise do Discurso**. São Carlos. EdUFSCar, 2011, p. 13-22.
- BELLOTTI, Karina Kosicki.. As religiões tradicionais na internet. In: MOREIRA, A; LEMOS, C. QUADROS, E. (Org.). **A religião na mídia e a mídia na religião**. 1ed. Goiânia: América, 2012, v. 1, p. 127-166.
- BRANDÃO, Helena Nagamini. **Introdução à análise do discurso**. 2.ed.rev. Campinas: Unicamp, 2004.
- BRANDÃO, Sebastião Hugo. Religião na pós-modernidade. In: **Ciências da Religião: história e sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2016.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.
- COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos. **Númena** – Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas, Sociologia, vol.24, Porto dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0872-34192012000200009&script=sci_arttext&tlnq=pt#1. Acesso em 29 de junho de 2018.
- CUNHA, Tiago Donizette da. Igreja e política durante a primeira república: o caso do cônego José Valois de Castro. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/13Tiago.pdf>. Acesso em 17 de nov. de 2018.

DIAS, Zwinglio Mota. Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno pentecostal. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p.377-382, jul./set. 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FEITOSA, Carla Valéria da Costa. Religião e mídia: comunicação e poder. In: **Tuiuti**: Ciência e Cultura, n. 46, p. 205-214, Curitiba, 2013.

FERREIRA, Anderson. O discurso midiático: mídiun, gênero de discurso e identidades. In: **SCRIPTA**, PUC-MG, v. 22, n 45, 2018.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 2012.

FONTELES, Heinrich A. Da religiosidade participativa à participação virtual: Uma reflexão sobre a natureza. In: Comunicativa do programa religioso "Show da Fé". **Âncora** (Instituto Âncora de Ensino. Online), v. III, p. 02, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRANCISCO, Adilson José. Testemunhos de fé: Mídia e Transformações religiosas contemporâneas. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao impeachment, tese de doutorado em Sociologia, Campinas: IFCH-Unicamp, 1994.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. in: **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 4, n 11, p. 11-25, nov. 2007.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HOOVER, Stewart. **Religion in the Media Age**. New York: Routledge, 2006.

IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS. **Institucional**: conheça a história da igreja e o apóstolo Valdemiro Santiago, 2017. Disponível em: <https://www.impd.org.br/institucional>. Acesso em 20 de abril de 2018.

JUNGLUT, Airton Luiz. O uso religioso da Internet no Brasil. In: **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, vol.1, nº 1, 2010, p. 202-212.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. Análise do discurso e suas fronteiras. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14,n.20, 2007. Disponível em: www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga20/arqs/matraga20a01.pdf

_____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.

_____. **Gênese do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2008b.

_____. A noção de *ethos* discursivo. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008c.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Parábola, 2010.

_____. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.): **As imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

MALDIDER, Denise. L'inquiétude du discours. Un trajet dans l'histoire del analyse du discours : le travail de Michel Pêcheux. **Semen: Revue de sémiolinguistique des textes et discours**, 1993. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/4351>. Acesso em 24 de fevereiro de 2018.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Neopentecostalismo de supergeração: o ciberespaço como chave para o sucesso neopentecostal. **História Agora**, v. 10, p. 342-362, 2010. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43116568/2010_Artigo_Neopentecostalismo_de_supergeracao_1.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1545049490&Signature=IfTLe965V1oWxTTYZUOAXI ZnvSc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMARANHAO_Fo_Eduardo_Meinberg_d_e_Albuquer.pdf.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2005.

_____. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e Poder Simbólico**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003

MATOS, Alderi de Souza. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata** (São Paulo), v. XI-2, p. 25-50, 2006. Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/view/28/47>. Acesso em 24 de março de 2018.

MOURÃO, Rodrigo Brasil da Fonseca. **O espaço sagrado em Mircea Eliade**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia. - Belo Horizonte, 2013.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. **O Discurso Religioso Católico - Um Estudo Linguístico do Rito Matrimonial**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1994.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; SANTOS FILHO, Ivanaldo Oliveira. Violência e poder na constituição do *ethos* no discurso religioso exorcista midiático. IN: TOMAZI MICHELINE MATTEDI; Rocha, Lúcia Helena Peyroton da; POMPEU, Júlio César. (Org.). **Estudos discursivos em diferentes perspectivas: mídia, sociedade e direito**. 1ed.São Paulo: Terracota, 2016, v. 1, p. 153-164.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; VILHAGRA, Leonardo Teixeira Ribeiro. Fé e mídia: um exame do discurso testemunhal da igreja mundial do poder de Deus. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson. (orgs.). **Discurso e Cultura**. São Paulo: Blucher, 2018, v. 1, p. 17-44.

OLIVEIRA, Derli Machado de. **Testemunho, mídia e prosperidade: o evangelho segundo o capitalismo neoliberal / Derli Machado de Oliveira**. – São Cristóvão, 2010.

OLIVEIRA, Leandro Moreira de; LORETO Maria das Dores Saraiva de; CALVELLI, Haudrey Germiniani. De pentecostes ao pentecostalismo: reflexões possíveis para a construção de sentido da experiência brasileira. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, ISSN 2179-0019, vol. 8 nº 1, 2017.

ORLANDI, Enni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1996.

ORO, Ivo Pedro. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O fenômeno religioso: como entender**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: UNICAMP, 1975.

PEDDE, Valdir. O Poder do Pentecostalismo: a experiência do Espírito Santo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 37, n.3, p. 243-260, 1997.

PEIXOTO, Maria Cristina Leite et al. A religião na mídia laica: os cadernos especiais "Ano 2000, busca pela fé" e "Religião" da Folha de S. Paulo. **E-COM** (Belo Horizonte), v. 2, p. 1/43-30, 2008.

PIERUCCI, Antonio Flávio. De olho na modernidade religiosa. In: **Tempo soc.** vol. 20, nº 2. São Paulo Nov. 2008.

POSSENTI, Sírio. O que os analistas de discurso pesquisam? In: **Revista da ABRALIN**, v.14, n.2, p. 41-49, jul./dez. 2015.

_____. Observações sobre o Interdiscurso. In: **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 253-269, 2003. Editora UFPR.

PUNTEL, Joana T. **Comunicação**: diálogo dos saberes na cultura midiática. São Paulo: Paulinas, 2010.

RODRIGUES, Elisa “**A mão de Deus está aqui!**” estudo etnográfico da Igreja Mundial do Poder de Deus. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2014.

SOARES, Alexandre Ferrari; SELLA, Aparecida Feola; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição . Maingueneau. In: OLIVEIRA. Luciano Amaral. (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. 1ed.São Paulo: Parábola, 2013, v. 1, p. 261-279.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez. A interface estudos discursivos e estudos ergológicos. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 282-289, jul.-set. 2014.

STORNI, Maria Otilia Telles; ESTIMA, Liliane de F. L. A Religião Como Produto De Consumo: Reflexões. In: CAOS - **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Número 15 – Março de 2010. Disponível em: <http://paginas.cchla.ufpb.br/caos/n15/2%20artigo%20otilia%20liliane.pdf>.

WEBER, Max. A ciência como vocação: In: WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 154-183.

XAVIER, Érico Tadeu. O Espírito Santo em Atos 2: um Estudo sobre a Natureza e o Propósito do Pentecostes. **Revista Hermenêutica**, Cachoeira-BA, Vol. 13, N. 1, P. 11 – 26, 2013. Disponível em: <http://seer-adventista.com.br/ojs/index.php/hermeneutica/article/view/276>. Acesso em 24 de março de 2018. Acesso em 02 de março de 20